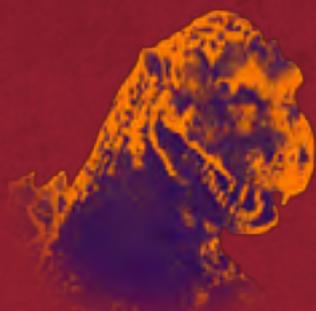
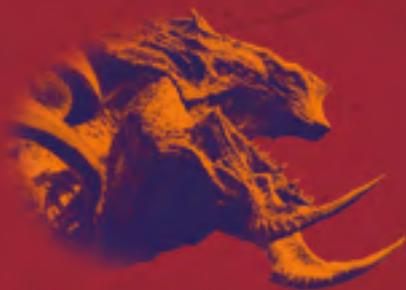




MONSTROS NO CINEMA





CCBB Brasília

12 de julho a 7 de agosto de 2018

CCBB Rio de Janeiro

15 de agosto a 10 de setembro de 2018

CCBB São Paulo

5 de setembro a 1º de outubro de 2018

MONSTROS NO CINEMA

Lira Gomes, Breno (org.)

1ª. Edição

Julho de 2018

ISBN 978-85-66110-39-5

Produção editorial **Baltazar Produção e Conteúdo**

Revisão de textos **Antero Leivas**

Capa & projeto gráfico **Folha Verde Design**

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos organizadores.

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

MONSTROS NO CINEMA







Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam a mostra Monstros no Cinema, que faz um apanhado dos filmes de monstros que tanto aterrorizam ou encantam o público no mundo inteiro. Essa retrospectiva, que será exibida nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, reúne os principais títulos já produzidos, entre vários estilos, períodos, nacionalidades, incluindo até filmes realizados no Brasil.

Os monstros fazem parte do nosso imaginário desde a mais tenra infância. Sejam aqueles que se escondem debaixo de nossas camas, dentro do guarda-roupa ou que adentram os nossos quartos à noite com a simples missão de nos amedrontar. Seres sombrios, assustadores, disformes, os monstros nos acompanham durante toda a nossa vida. O cinema desde os seus primórdios usou a figura do monstro não só para contar narrativas de terror, mas também para usá-los como metáforas da sociedade. E com o passar dos anos, a figura do monstro nos filmes passou a ser tão encantadora, aos olhos do espectador, quanto assustadora. A retrospectiva MONSTROS NO CINEMA reunirá vários desses seres que encontraram na sétima arte um espaço para serem conhecidos, temidos, admirados e ainda por cima, promover uma reflexão sobre a sociedade.

O Banco do Brasil valoriza a produção cinematográfica, independente de sua nacionalidade. A diversidade fílmica das retrospectivas patrocinadas só reforça o compromisso da instituição em promover ao público que frequenta seus espaços a oportunidade de ter contato com obras raras e pouco vistas, estimulando assim o gosto pela variedade de gêneros e estilos.



“Amamos a idéia de monstruosidade e precisamos dela porque é a reafirmação da ordem que todos almejamos como seres humanos... e deixe-me sugerir, indo mais além, que não é a aberração em si, seja ela física ou mental, que nos horroriza, mas, em vez disso, a desordem que tais aberrações parecem implicar.”

Stephen King



Desde crianças somos ensinados a lidar com os nossos medos do desconhecido, do horrendo, do monstruoso. Quando nos vemos sozinhos, à noite, no meio da vasta escuridão dos nossos quartos, sempre imaginamos que de dentro do armário sairá uma criatura assustadora, que irá nos causar imenso pavor, nos tirar do convívio com nossa família ou simplesmente desaparecer com a gente. Diante de tal situação (noite/quarto escuro/guarda-roupa) sempre imaginamos o pior. E o pior sempre é personificado na figura de um MONSTRO.

Histórias de criaturas fantásticas sempre povoaram a cultura popular, independente da época ou do povo. Na Grécia Antiga eles eram o Cérbero, a Hidra de Lerna, a Medusa, a Quimera e tantos outros. Os povos nórdicos tinham o Kraken, a Mare. Do Japão temos histórias do Umiboozu e do Gashadokuro... E muitas dessas narrativas sobre seres monstruosos, passadas de geração a geração, serviram de inspiração para que escritores criassem histórias e com isso perpetuassem mitos como o do Vampiro, do Lobisomem, do Monstro de Frankenstein.

Os monstros estão aí desde que o mundo é mundo. E desde que o cinema é cinema.

As lendas e mitos populares, atrelados à literatura gótica, foram as primeiras inspirações para a produção de filmes sobre monstros nos primórdios da sétima arte. Com o passar dos anos, essas histórias foram se aperfeiçoando, ganhando novos ares, personagens novos surgiram, mas o principal nunca ficou de fora: cada nova criatura, criada pelas mentes dos roteiristas, era mais horripilante que suas antecessoras.

Os monstros podem representar o perigo do desconhecido, e aí ganhar a persona de um ser extraterrestre ou até mesmo de uma criatura sobrenatural. Muitas vezes, o monstro vindo de um lugar distante, acaba por representar também o temor aos imigrantes, ao estrangeiro. Da mesma forma que o surgimento de um monstro serve para nos alertar dos perigos das guerras, das experiências científicas com intenções maléficas, das armas criadas pelo homem para destruir o próprio homem. O cinema usa a figura do monstro para tudo isso, e muito mais.

E é isso que a mostra MONSTROS NO CINEMA irá exhibir, debater com os espectadores e re-

fletir sobre a importância dessas criaturas no nosso imaginário. E até mesmo na nossa formação como pessoa. Essa retrospectiva pretende mostrar o que há por trás de um monstro como o de Frankenstein, o Godzilla, o Drácula, o Alien, o King Kong...

A curadoria selecionou 39 filmes, das mais diversas épocas, incluindo títulos brasileiros. MONSTROS NO CINEMA é uma viagem de como a indústria cinematográfica criou e consegue manter até os dias de hoje, um subgênero tão rentável que são os filmes de monstros.

Do começo na Alemanha, com *O Golem*, passando pelos monstros clássicos dos estúdios Universal (*Drácula*, *Frankenstein*, *A Múmia*, *O Lobisomem*), chegando ao período da Guerra Fria e da ameaça nuclear de *Godzilla*, incluindo os seres de outros planetas (*Alien*, *O 8º Passageiro*) e aqueles frutos dos nossos pesadelos (*A Hora do Pesadelo*) ou de experiências malsucedidas (*A Mosca*). O Brasil se faz presente com o Zé do Caixão de *À Meia Noite Levarei Sua Alma* e os monstros e zumbis de *Mar Negro*. O primeiro foi dirigido pelo mestre José Mojica Marins, e o segundo por Rodrigo Aragão, que revolucionou o gênero do horror brasileiro com suas produções. As crianças, quase sempre vítimas dessas criaturas soturnas, poderão ir sem medo conferir *Monstros S.A.* e *A Festa do Monstro Maluco*. E a força desse subgênero se faz presente quando a própria indústria cinematográfica o reverencia em obras como *Deuses & Monstros*, *O Jovem Frankenstein* e o recente sucesso *A Forma da Água*.

O Centro Cultural Banco do Brasil recebe por quatro semanas a mostra MONSTROS NO CINEMA, e com isso proporciona ao público de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo a oportunidade de se aproximar mais desses incríveis seres. Muitos com certeza irão descobrir um universo novo, por vezes mágico e assustador ao mesmo tempo. E quem sabe, ter sua imaginação estimulada a criar e contar histórias, como as apresentadas nessa retrospectiva, por vias do audiovisual.

BRENO LIRA GOMES
IDEALIZADOR & CURADOR







- 
- 14** O MONSTRO DEBAIXO DA CAMA POR RITA RIBEIRO
- 20** COMO TUDO COMEÇOU POR MARIO ABBADE
- 26** EU SOU A UNIVERSAL OU OS MONSTROS DA DEPRESSÃO POR ANTERO LEIVAS
- 34** A BESTA EM NÓS POR SÉRGIO MORICONI
- 42** REVISITANDO MONSTROS: ENTRE CLÁSSICOS E MODERNOS POR JULIA MAAS
- 48** A MORALIDADE DA REPUGNÂNCIA POR MARCELO POR MARCELO MIRANDA
- 54** ESPETÁCULO TAMANHO GG POR RODRIGO FONSECA
- 60** QUANDO A NATUREZA SE REVOLTA POR BRENO LIRA GOMES
- 64** INIMIGO ÍNTIMO POR FRANCISCO RUSSO
- 70** MONSTROS & CRIANÇAS POR LAURA LOGUERCIO CÂNEPA
- 76** ZÉ DO CAIXÃO, ZUMBIS, VAMPIROS E LOBISOMENS:
MONSTROS NO CINEMA BRASILEIRO POR CARLOS PRIMATTI
- 82** SUA MAJESTADE, O MONSTRO! POR FLAVIA GUERRA
- 90** MONSTROS E SUAS PECULIARIDADES POR ANA RODRIGUES
- 96** SINOPSES
- 138** SOBRE OS AUTORES
- 140** SOBRE O CURADOR E PRODUTORA
- 142** CRÉDITOS





O MONSTRO DEBAIXO DA CAMA

POR RITA A. G. RIBEIRO





N

ão se engane. Admitindo ou não, todos nós temos um monstro escondido debaixo da cama. Sim, porque todos temos medo de algo. E é justamente o medo que nos desafia e nos atrai. Seja de coisas sobrenaturais como vampiros e lobisomens, seja de raios, alienígenas, tubarões... O medo está presente em nossas vidas e nos instiga. E por isso mesmo constitui um dos gêneros mais longevos do cinema. Mas antes de falar disso, vamos diferenciar o terror do horror. O terror é aquilo que precede. O que se esconde atrás daquela porta? Eu vi mesmo uma sombra ali? Já o horror é a situação concretizada, quando me vejo cara a cara com o monstro, ou o psicopata, você pode escolher.

As histórias de terror existem desde as primeiras narrativas e serviam como explicação para fenômenos, justificativas religiosas ou alerta para as crianças. O surgimento do gênero de horror na literatura foi se constituindo ao longo do século XVIII com as obras *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole (1764), *Os Mistérios de Udolpho*, de Ann Radcliffe (1794) e *O Monste*, de Matthew Lewis (1796). Seu auge, no entanto, ocorre no século XIX com a publicação de *Frankenstein* de Mary Shelley em 1816, *O Senhor dos Lobos*, de Alexandre Dumas em 1857, *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, em 1886 e, finalmente de *Drácula*, de Bram Stoker em 1897. A época do surgimento do romance de Bram Stoker foi propícia, pois é também um período em que o ocultismo, na contramão da difusão do pensamento científico, se dissemina na Europa.

Mesmo com todos os avanços da ciência na época, o temor à morte sempre inevitável, não podia ser descartado, enquanto a promessa de vida eterna preconizada pela igreja tampouco se mostrava uma alternativa confiável. É na ficção, ou nas promessas do ocultismo, que o desejo da vida eterna e da ressurreição encontram seus maiores difusores. Assim, deixando de lado os recantos sombrios do interior, o gênero de horror difunde suas histórias nas cidades. O cenário urbano, pleno de becos escuros e vielas, é tão propenso a fantasmas e outros monstros quanto o foram as matas e os desertos em outros tempos. O horror rapidamente povoa o imaginário das pessoas e, na transição para a cultura de massas representada pelo cinema, se revela como um dos grandes gêneros do cinema do século XX.

Georges Méliès, a quem podemos creditar a transição do Cinematógrafo, enquanto aparelho de registro das imagens em movimento, para o Cinema, como um contador de histórias, povoa suas criações com demônios e monstros de toda natureza. Mas as primeiras adaptações de romances de horror para o cinema são americanas. Uma versão de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de 1908, pela Selig Polyscope Company e em 1910, *Frankenstein* é adaptado pelo Edison Studios.

Refletindo os horrores de seu tempo, o Expressionismo Alemão traz as obras fundamentais *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene (1920) e *Nosferatu* de FW.Murnau em 1922. A década de 30 marca a Grande Depressão nos Estados Unidos, mas também nos apresenta os maiores filmes do gênero e que seriam referência para o imaginário das criaturas no cinema ainda hoje, com as adaptações feitas pela Universal Studios. *Dracula* (1931), *Frankenstein* (1932), *A Múmia* (The Mummy, 1932), *O Homem Invisível* (The Invisible Man, 1933), *O Gato Preto* (The Black Cat, 1934), *A Noiva de Frankenstein* (The Bride of Frankenstein, 1935), entre outros fizeram o nome de astros como Bela Lugosi — o Conde Drácula e Boris Karloff — o eterno Frankenstein e também a fortuna da produtora Universal Pictures, que se especializou no gênero. O Conde Dracula de Lugosi e o Frankenstein vivido por Karloff tornaram-se referências absolutas no imaginário popular. A capa do vampiro e os parafusos da criatura, ainda hoje são reconhecíveis nas adaptações seja no cinema, quadrinhos ou animações. Coube à Universal não apenas cristalizar mitos, mas criar outros, como as superstições em torno do Lobisomem, ou o Monstro da Lagoa Negra, que influenciou diretamente a criação do ser de *A Forma da Água*, de Guillermo Del Toro.

Mas por que precisamos destes monstros? A palavra monstro provém do latim monstrum, significando portento, sinal profético. O monstruoso demonstra algo. É uma advertência (tem a ver com o verbo latino monere), seja da parte do bem ou do mal. Como advertência,

cabe aos monstros a tarefa de revelar o melhor e o pior da alma humana. Os monstros nos fascinam. Força, poder, sedução. Esses são os valores que faziam parte da constituição dos vilões no século XX. Já no XXI, estas mesmas características permanecem ao lado dos monstros. O que muda, no entanto, é o seu papel social. De bandidos, estes se transformam em mocinhos. Um bom exemplo disso está no filme *Freaks*, dirigido por Tod Browning (1932), pela MGM para fazer frente ao horror de Frankenstein. Com um elenco cheio de pessoas portadoras de deformidades físicas, os monstros no filme, são aqueles tidos como “normais”. *Freaks* preconiza essa inversão e influenciou diversos filmes e episódios de seriados, inclusive um em *Supernatural* e a quarta temporada da série *American Horror Story*, *Freak Show* inspirada no filme.

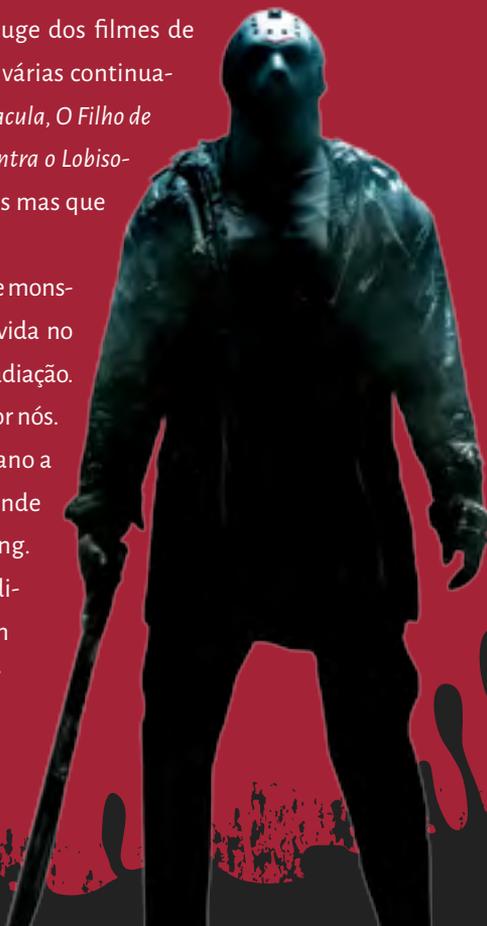
Por que vamos ao cinema sentir medo? Stephen King, um dos maiores autores do gênero na atualidade afirma que o horror nos atrai porque nos possibilita experimentar emoções que a sociedade obriga a manter sob controle, nos permitindo desempenhar em nosso imaginário formas de violência, desafiar nossos medos mais secretos.

Os anos 1930 e 40 podem ser considerados o auge dos filmes de horror com as produções da Universal que tiveram várias continuações dos personagens principais como *A Filha de Dracula*, *O Filho de Dracula*, *A Mansão de Frankenstein*, *Frankenstein Encontra o Lobisomem*, *O Fantasma de Frankenstein*, entre outros títulos mas que não fizeram tanto sucesso quanto os originais.

O medo gerado pela Guerra Fria trouxe outro tipo de monstro para as telas. Alienígenas que vieram destruir a vida no planeta, seres gigantes que foram criados pela radiação. Os monstros ou vinham do espaço, ou eram criados por nós.

No entanto, no final dos anos 50, cruzando o oceano a produtora inglesa Hammer ressuscitou o mito do conde Dracula com a dupla Christopher Lee e Peter Cushing. A Hammer Studios deu novo fôlego ao mito, com diversos filmes com roteiros bem elaborados e com uma estética que influenciaria a produção posterior de filmes de terror.

A partir dos anos 1970, o gênero se fragmenta em diversos subgêneros. E vemos surgir os Slasher



Movies, filmes com assassinos que vitimam diversas pessoas como em *O Massacre da Serra Elétrica* (The Texas Chain Saw Massacre), *Halloween – A noite do Terror*, *Sexta-Feira 13* (Friday the 13th) e *Dia dos Namorados Macabro* (My Bloody Valentine), na maioria das vezes considerados filmes para adolescentes.

Mostrando que terror é coisa de adultos, Steven Spielberg deixa as praias desertas com *Tubarão* (1975), Ridley Scott com *Alien o 8º Passageiro* (1979) mostra que o espaço pode ser muito, muito perigoso e David Cronenberg faz a sua versão de *A Mosca* (1986).

A evolução da computação gráfica permitiu que os filmes ganhassem verossimilhança e fossem se sofisticando em termos imagéticos. *Dracula de Bram Stoker* (1992), obra prima de Francis Ford Coppola é um bom exemplo disso. Os recentes *Círculo de Fogo* e *A Forma da Água*, de Guillermo Del Toro trazem monstros (ou criaturas) que cada vez mais se aproximam dos nossos pesadelos.

E o Brasil? José Mojica Marins, conhecido como Zé do Caixão e louvado no exterior como Coffin Joe, é o precursor dos realizadores em filmes no gênero aqui. Em atividade desde os anos 1940, Marins não apenas dirige como protagoniza vários de seus filmes. Ele também é a grande influência para a nova geração de diretores brasileiros, entre eles o capixaba Rodrigo Aragão.

Mas se existem filmes que dialogam com todos os nossos medos, enquanto adultos, o que dizer das crianças? Hoje os filmes infantis tendem também a desmistificar a ideia de monstros. Ou mostrar que os monstros temem as pessoas. Com muita razão, aliás.

Então eu convido você a se aventurar em ruelas escuras, numa noite chuvosa, com muita neblina. Cuidado! Está ouvindo aquele barulho de passos? E quando chegar em casa, com o coração disparado, não se esqueça de olhar debaixo da cama, pois os monstros estão sempre à espreita. Divirta-se com esta mostra!





COMO TUDO COMEÇOU

POR MARIO ABBADÉ



Os monstros sempre serviram como uma eficiente metáfora para representar algo que provocasse temor na humanidade. Essa simbologia faz parte de nossa cultura e, no caso específico do cinema, existe desde os primórdios, quando os filmes ainda não tinham som. Segundo especialistas, a primeira manifestação cinematográfica de monstro foi em *O Golem*, filme alemão de terror de 1915, parcialmente perdido, escrito e dirigido por Paul Wegener e Henrik Galeen. É o primeiro de uma trilogia de Wegener, seguido do curta em tom de comédia *O Golem e a garota dançante* (1917), em que Wegener usa a maquiagem do Golem para amedrontar uma jovem por quem está apaixonado, e *O Golem: Como ele veio ao mundo* (1920), que é uma prequel do de 1915, e o mais conhecido da série — em grande parte porque é o único dos três filmes que não foi perdido.

O Golem: Como ele veio ao mundo, que, por ser o único ainda existente, acabou perdendo o subtítulo, nasceu da insatisfação de Wegener, por acreditar não ter contado a história direito no filme de 1915, devido a compromissos que teve de cumprir durante a produção. Esta terceira tentativa tinha como objetivo transmitir mais diretamente a lenda como ele a ouviu em Praga, enquanto estava filmando *Der student von Prag* (*O estudante de Praga*, 1913). A trama acontece na cidade tcheca no século XVI, quando um rabino cria o Golem — uma criatura gigante feita de barro. Usando feitiçaria, ele dá vida ao ser para proteger os judeus locais da perseguição. O rabino também tem o poder de tirar a vida do Golem, removendo o Shem da boca do monstro.

Wegener e Galeen se inspiraram na criatura mitológica de origem cabalística chamada de o Golem, um homem criado de argila imbuído do poder da vida por uma inscrição mágica conhecida como o Shem, contendo a palavra *æmaeth*, que significa verdade. Os judeus adeptos da cabala acreditam que Deus é a verdade e que toda vida vem dessa única fonte. Removendo a letra latina “æ”, a expressão vira a palavra *maeth*, que significa morte, isto é, “verdade” se torna “morte” e o Golem cai novamente no chão como argila sem vida. Segundo

a crença judaica, como Deus criou toda a vida, a vida pode ser facilmente retornada a Deus. Até mesmo Adão pode ser parte da mitologia do Golem, já que foi feito de barro e ganhou vida através do poder da criação, história muito semelhante à de como o deus grego Prometeu criou o homem. Desde então, o mito do Golem inspirou inúmeros romances gráficos, sendo o super-herói O Coisa, do Quarteto Fantástico, o mais famoso.

Paul Wegener interpretou o monstro na trilogia com uma mistura rica de emoções, sem diálogo algum e apenas um repertório limitado de gestos, e mesmo assim conseguiu ser assustador, especialmente nas cenas que registram seu rosto de perto. Ironicamente, ele foi

CURIOSIDADE

O arquiteto Hans Poelzig desenhou os cenários, uma interpretação do gueto judeu medieval de Praga. Ele os projetou especificamente para serem imagens altamente expressionistas. A recepção crítica de *The Golem* após o lançamento inicial foi positiva. O New York Times, em sua crítica de 1921, elogiou os “cenários expressivos” comparando-o aos do filme *O Gabinete do Dr. Caligari*.







posteriormente associado aos nazistas: fez vários filmes de propaganda para o regime de Hitler. Na terceira produção, Wegener contracena com sua mulher, Lyda Salmonova, que interpreta Miriam, numa versão mais passiva das típicas personagens vamps (o arquétipo de mulher sedutora, atraente, e geralmente também perversa e cruel). Mas, diferentemente das atrizes famosas do cinema mudo que seguiram esse estilo, como Theda Bara, Louise Glaum, Musidora, Nita Naldi, Pola Negri e Myrna Loy (no início da carreira), Miriam é motivada por impulsos libidinosos, que fornecem ao filme o toque erótico que é crucial para o sucesso de fantasias sombrias.

O golem, de 1920, também impressiona até hoje pelos cenários grandiosos e bizarros criados pelo arquiteto Hans Poelzig, que fez uma releitura do gueto judeu medieval de Praga. A fotografia com uma aura macabra de Karl Freund (que foi para Hollywood e fotografou o *Drácula* de 1931 e, em 1932, dirigiu Boris Karloff em *A Múmia*), em colaboração com Poelzig e Wegener, é citada como um dos exemplos mais marcantes do expressionismo alemão. Esse movimento começou durante a Primeira Guerra Mundial e continuou até a década de 1920. E, como nos longas *O gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Wiene, e *Nosferatu* (1922), de F. W. Murnau, eram representações controversas do mal-estar na Alemanha devastada pela guerra. Esses filmes foram uma influência direta dos icônicos monstros americanos dos anos 1920 e 1930 no cinema, incluindo Frankenstein, Drácula, o Fantasma da Ópera e o Homem Invisível.





**EU SOU A
UNIVERSAL ou
OS MONSTROS
DA DEPRESSÃO**

POR ANTERO LEIVAS

**F**

undada em 1912, com Carl Laemmle, um ex-dono de cinema, na presidência, a Universal Filmes nasceu da cabeça deste homem e de mais alguns investidores, donde brota a ideia de se destacar os atores e atrizes dos filmes, no intuito de atrair o público nas chamadas publicitárias. E um de seus primeiros astros foi justamente, Lon Chaney. Chaney, conhecido como “O Homem das mil faces” por sua exímia habilidade com a maquiagem, adquiriu os direitos sobre a obra de Victor Hugo, *O Corcunda de Notre Dame* e após passar por vários estúdios conseguiu uma boa negociação pela Universal em 1923. Habituada a pequenos orçamentos, a cúpula sentiu o peso da altíssima verba ali inserida, para reproduzir a catedral de Notre Dame e as ruas circundantes da Paris do século XV. Além disso, algumas cenas exigiam centenas de extras devidamente caracterizados. A tal ponto que às vezes o diretor Wallace Worsley era forçado a trocar seu megafone por um rádio e um alto-falante para dirigir uma grande multidão. O resultado? Foi seu filme mudo de maior sucesso, arrecadando 3,5 milhões de dólares, estabelecendo o padrão para futuros filmes de horror e um rumo definido para a companhia dentro do gênero.

Caminhava a passos curtos a década de 1930 e a Grande Depressão assolava o cidadão norte-americano, quando Hollywood começa a produzir uma série de filmes de terror com o objetivo de, ao mesmo tempo, emocionar, assustar e fornecer uma forma de escapismo para este tão sofrido público. Apesar de uma bela recepção nas bilheterias, a crítica considera que tal gênero priva a plateia das “ressonâncias que informam e aprofundam”, por exemplo. Muitas vezes o aprimoramento deste tipo de filme, se concentrava nos detalhes estéticos através dos visuais frequentemente estilizados e os traços dos primeiros anos foram amplamente delineados pelo expressionismo alemão. Começa o ciclo de horror da Universal com uma primeira versão de *O Fantasma da Ópera* (1925), mas principalmente, *Drácula*, de Tod Browning (1930), depois que Carl Laemmle Júnior assume o comando, a pedido de seu pai. Era a tentativa de se manter à tona durante a Depressão.

Após uma greve que chegou a fechar portas por meses, Júnior produziu *Frankenstein* (1931) em parte devido ao sucesso do *Drácula* no ano anterior. Decisão financeiramente vantajosa não só em termos de exposição e audiência, mas também pelos meios produtivos. O uso sutil do som provou ser significativamente mais barato, mas ainda mais assustador. *Drácula* era um bom exemplo disso, pois o relativo silêncio serviu para aumentar a atmosfera arrepiante. Com certa desenvoltura durante a Depressão, a metade da década de 1930 viu novas adições à lista de monstros. E além de *Frankenstein* (1931), James Whale lançou *A Noiva de Frankenstein* (1935), inicialmente com um pouco de relutância e a maioria do elenco da produção de 1931, para continuar sua fábula gótica sobre ciência e moralidade. Com o Dr. Frankenstein e seu monstro sobrevivendo ao incêndio no moinho, o cientista Dr. Pretorious vê uma oportunidade de realizar seus próprios desejos de criar vida humana. *Frankenstein* foi um produto excepcional e típico, particularmente em sua assimilação da estética do movimento germânico, quando a “idade de ouro” do horror foi fundada. Sua sequência baseia-se nesta técnica utilizando iluminação, cenografia e planos para evocar configurações expressionistas. Whale estudou os principais filmes do Expressionismo, de 1920 a 1927, incluindo *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Weiner, e *Nosferatu* (1922), de F.W. Murnau. As performances, a maquiagem pesada e os cenários distorcidos, transmitiam a necessária atmosfera sinistra e sobrenatural, adaptada perfeitamente de retratos clássicos da literatura gótica. *A Noiva de Frankenstein* exhibe em grande parte suas influências através do cenário. Whale cria um mundo: cemitérios com sepulturas inclinadas, torres góticas e moinhos de vento complementados por um detalhado claro-escuro, estruturas enviesadas e uma variedade de ângulos anormalmente altos ou baixos, frequentemente acompanhados por esti-

los de atuação similares e temas macabros. Na espetacular sequência em que ela ganha vida em meio ao brilhante aparato elétrico do laboratório no topo da montanha de Frankenstein, ao longo de toda a cena, cria-se uma sensação de mal-estar pela arquitetura distorcida do laboratório, com suas linhas conflitantes. A iluminação e o céu um tanto estilizado cobrem a cena de mistério, enquanto amplifica a natureza obscura dos cientistas, à medida que lança sombras exageradas em seus rostos. O estilo permite que os efeitos especiais explorem o reino distorcido dos desejos reprimidos, medos inconscientes e fixações desordenadas.

O Expressionismo Alemão surge no desejo de filtrar os horrores da Alemanha do pós-guerra para um meio coerente. Criava-se um “outro universo” no qual as pessoas podiam ver e processar os problemas cotidianos infligidos a elas. Tal “universo” frequentemente funciona como uma crítica à sociedade burguesa. O traço visual do germanismo, discretamente conduz a produção de horror da Universal, emprestando suas peculiaridades estéticas para moldar medo e loucura, transferida para uma audiência norte-americana, a noção tem também um efeito social. As audiências da Depressão almejavam aquele entretenimento escapista que o horror proporcionava.

DRÁCULA

Baseado no livro de 1897 de Bram Stoker e uma peça teatral de 1924 de Hamilton Deane e John L. Balderston. E apesar dos vários contras dos executivos da Universal, incluindo seu presidente, Bela Lugosi, ator húngaro que encarnara o Conde Drácula no teatro, conseguiu o papel de forma fervorosa, aceitando até um ordenado inferior ao que se pagava normalmente. Algo em torno de US\$500 por semana. O que convenceria a cúpula quase que de imediato.

E por um acaso do destino, o mesmo Lugosi recusou o papel vindouro destes mesmos estúdios, que seria o Monstro de Frankenstein, sob a alegação de que o personagem não possuía falas e dele não poder produzir sua própria maquiagem¹, o que lhe acarretaria um arrependimento até o fim da vida. Mesmo porque, o roteiro foi reescrito de formas a tornar o monstro mais “simpático” e interessante.

FRANKENSTEIN

Foi o britânico William Henry Pratt quem ficou com o papel, ou melhor, Boris Karloff.² Quando o filme estreou no cinema Roxy, em Nova York, a 12 de fevereiro de 1931, vendeu 50 mil ingressos em 48 horas e logo deu ao estúdio um lucro de US \$ 700 mil. Baseado no romance de 1818, de Mary Shelley (Frankenstein ou Moderno Prometeu), visou um rumo novo: enquanto os trabalhos anteriores de maquiagem para *O Corcunda* e *O Fantasma da Ópera*,

havia sido feitos pelo próprio Lon Chaney, Jack Pierce, o maquiador de Whale, produziu o rosto horrível e memorável do monstro. Há poucas pessoas no mundo que não reconhecem imediatamente a imagem da criatura de Frankenstein, mesmo que nunca tenham visto o filme original. Boris Karloff ficou, como se diz, 'com a bola toda'. Tanto que foi convocado para encarnar o monstro seguinte...

A MÚMIA

Inspirado pela abertura do túmulo de Tutankhamon, uma década antes, Laemmle, Jr., contratou John L. Balderston para escrever um roteiro inspirado no conto de Arthur Conan Doyle intitulado *The Ring of Thoth*. Balderston situou sua história no Egito "moderno", onde um sacerdote egípcio (Karloff) amaldiçoado e morto-vivo tenta trazer seu amor de volta à vida sacrificando a protagonista. Mais um baita sucesso de bilheteria. A Paramount seguiria a onda honrosamente no mesmo ano...



O MÉDICO E O MONSTRO (FILME FORA DO “EIXO ‘UNIVERSAL’”)

Levado a Hollywood para lidar com a crise estética da introdução do som, o armênio Rouben Mamoulian provou ser um diretor peculiarmente “cinematográfico”, explorando muitos de seus cenários para as situações visuais e sonoras puras que Hollywood ansiava. Sua versão é considerada como a mais proeminente adaptação cinematográfica da novela de Robert Louis Stevenson, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, publicada pela primeira vez em 1886. Grande parte do sucesso do filme é resultado da técnica do cineasta. E tornando à Universal...

O HOMEM INVISÍVEL

Em 1933, o prolífero James Whale dirigiu *O Homem Invisível*, baseado no romance de ficção científica de H.G. Wells. Boris Karloff deveria ser o cientista cujos experimentos o fazem desaparecer, todavia detalhes contratuais fizeram-no deixar a produção, permitindo-o ser substituído pelo igualmente brilhante Claude Rains. Sucesso novamente.

CURIOSIDADE

Em eras pré-chroma-key, a fim de obter o efeito de invisibilidade ao tirar as ataduras, James Whale tinha Claude Rains completamente coberto em veludo preto e filmou na frente de um fundo também de veludo preto. Era criada a técnica do Travelling Matte, processo patenteado por Frank Willians e a posteriori batizado de Processo Willians.

A NOIVA DE FRANKENSTEIN

Elsa Lanchester não estrelou, como muitos pensam, o supracitado *A Noiva de Frankenstein*, pelo contrário, ela só aparece nos minutos finais. Contudo quem esqueceria a mulher de olhar assustado e um “raio” branco nos cabelos (Resultado da maquiagem de Jack Pierce)?

E prosseguiram com... *O Lobisomem* (1941), *O Fantasma da Ópera* (1943) e *O Monstro da Lagoa Negra* (1954). A Universal caprichou num monte de continuações e *crossovers* de seus monstros (E você pensando que esse papo de “Universo Compartilhado” era coisa de super-herói hein?) e até, pasmem, comédias com a famosa dupla Abbott e Costello perfazendo cerca de 30 produções entre 1925 e 1956. E depois da malfadada tentativa do encontro entre Frankenstein, Lobisomem e Drácula no filme *Van Helsing* de 2004, a Universal vai atacar no-

vamente com o Dark Universe e a volta de todos os seus monstros! Futuramente...

Pode ser que a inspiração para um novo universo de monstros tenha surgido na trilogia *A Múmia* com o Brendan Fraser (e mais *O Escorpião Rei* com Dwayne Johnson) ou quando Hugh Jackman transformou o clássico personagem Van Helsing num caçador de monstros quase com superpoderes, contudo foi em *A Múmia* com Tom Cruise que a intenção de compartilhamento veio com tudo. Porém nem só de intenções vive uma saga tão ousada. O problema foi o excesso de releituras e querer modernizar todo aquele “maldito” mundo. E após tantos nomes entrando e saindo, o foco parece apontar para diretores de renome apresentando sua visão pessoal dos Monstros. E sem ligação entre uns e outros. Qual será afinal o rumo dos monstros da Universal? O tempo dirá...

Monstros que eram na verdade criaturas com almas e anseios humanos e que, sob suas fórmulas, representavam os rejeitados da sociedade e tentavam reivindicar um mundo ao qual não pertenciam. Monstros que bem poderiam ser gente consumida pela Grande Depressão e apesar das semelhanças estéticas e temáticas, a Universal conseguiu criar uma série de clássicos do cinema que se destacam ainda hoje como um avanço da sétima arte no gênero e agem como o reflexo de uma nação emergindo de uma dolorosa batalha. Literalmente.

¹“Eu fui uma estrela no meu país e não serei um espantalho aqui!” Teria dito o ator.

²Alguns teorizaram que ele tirou o nome artístico de um cientista louco do romance *The Drums of Jeopardy* (Tambores do Perigo) chamado “Boris Karlov”. Ou de um romance de Edgar Rice Burroughs *HRH The Rider* (O Cavaleiro) que apresenta um “Prince Boris de Karlova”. Já o próprio, sempre alegou que escolheu o nome “Boris” porque soava estrangeiro e exótico, e que “Karloff” era um nome de família (de Karlov — em cirílico, Карлов — um nome encontrado em vários países eslavos). No entanto, sua filha Sara Karloff negou publicamente a existência de antepassados eslavos e que um dos motivos para a mudança de nome foi evitar constrangimentos ante sua família, por ele ter se tornado ator. O que não procede, pois a família transbordava de orgulho pela fama de Boris.

CURIOSIDADE

Quando a MGM decidiu produzir sua própria versão de *Dr. Jeckyll e Mr. Hyde* em 1941, com Spencer Tracy, adquiriu os direitos da versão de 1931. Para evitar qualquer concorrência ou comparação desfavorável, a MGM tornou a anterior indisponível durante muitos anos.





A BESTA EM NÓS

POR SÉRGIO MORICONI



S seja o terror sanguinolento e pueril — ou terror *strictu senso* —, seja a ultra-especialização de filmes sobre contagem de cadáveres, de zumbis e mortos vivos, sejam simplesmente os filmes baratos, mal-feitos e ruins, a verdade é que cada um tem sua própria definição para o fascínio pelo terror. De onde viria o desejo atávico de sentir medo? Evidentemente, quando se lança um olhar panorâmico sobre toda a produção dessas despidoradas e fascinantes produções, percebemos sua força para além do que poderíamos considerar “ordinários produtos da indústria cultural ou da cultura de massa”. O horror na indústria cinematográfica norte-americana — e os produzidos pelos estúdios Universal não são exceção — é uma consequência natural de uma história construída desde o nascimento do cinema em diversos países do mundo.

A primeira aparição do sobrenatural no cinema se deve ao pioneiro Georges Méliès, autor de *Le manoir du diable* (*O solar do diabo*/1896). O cinema ainda engatinhava, quando Méliès repete a dose com *A caverna maldita* (*La caverne maudite*/1898), seu segundo curta-metragem dedicado ao terror. Antes de se dedicar ao cinema, Méliès foi mágico, portanto conhecia perfeitamente o tipo de impacto que o horror gerava no público. O gênero não passou indiferente a nenhuma das cinematografias que davam seus primeiros passos. Ainda no fim do século 19, o Japão produziu *Jizo the Spook* (sem tradução em português) e *Shinin no sosei* (A

ressurreição do cadáver), ambos produzidos em 1898 e desaparecidos. Sobre esses filmes restaram apenas fragmentos já que toda a produção do país foi destruída durante a Segunda Grande Guerra. Teria restado apenas 1% do que foi produzido.

Seria surpreendente se os Estados Unidos ignorassem o poder que monstros, criaturas monstruosas (deste e de outros mundos), e mesmo de um cinema voltado para o medo e a inquietação, produziam sobre a grande massa de virtuais espectadores. Era um aspecto que valia tanto para obras voltadas para o puro entretenimento quanto para aquelas de maior empenho artístico, muito embora a fronteira neste período histórico fosse tênue, como bem demonstra o “expressionismo alemão”. A influência exercida pela linguagem expressionista no cinema não podia mesmo ser ignorada. Filmes como *O estudante de Praga* (1913), de Paul Wegener, e *O Golem*, do mesmo diretor, e especialmente os clássicos *O gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Wiene, e *Nosferatu* (1922), de F. W. Murnau (1922), o primeiro filme a tematizar no cinema o vampiro. *Nosferatu* seria seminal também por ser a primeira adaptação (não autorizada, diga-se de passagem) do *Drácula* de Bram Stoker, livro que seria, em 1931, transposto para o cinema, sob a direção de Tod Browning.

Antes do *Drácula* de Browning, em 1908, surgiria a primeira versão cinematográfica de *O médico e o monstro* (*Dr. Jekyll and Mr. Hyde*), de Otis Turner, estimulando os pioneiros dos Estúdios Edison a produzir a adaptação inaugural de Frankenstein, retirado na novela de Mary Shelley. Os estúdios Universal surfariam na onda de filmes terror que se iniciaria na década seguinte, nos anos 1920. Esta seria inclusive uma das marcas da Universal. Ela faz sucessivamente *O corcunda de Notre Dame* (*The hunchback of Notre Dame*/1923), de Wallace Worsley, *O fantasma da Ópera* (*The phantom of the Opera*/1925), de Rupert Julian e Lon Chaney (este não creditado), *O Monstro do Circo* (*The Unknown*/1927), de Tod Browning, *O gato e o canário* (*The cat and the canary*/1927) e *O homem que ri* (*The man who laughs*/1928), estes dois últimos de Paul Leni, *Frankenstein* (1931), de James Whale, *Monstros* (*The freaks*/1932), de Tod Browning. Todos esses filmes — talvez com exceção de *Freaks* — seriam refilmados várias vezes ao longo da história. O terror se tornaria um gênero de apelo mundial com obras realizadas na Suécia, Dinamarca e especialmente na França.

O cinema não descobriu a pólvora, mas uma galinha dos ovos de ouro. Desde tempos imemoriais o terror com seus personagens monstruosos e horripilantes estiveram no imaginário popular. Muito provavelmente essas criaturas são remanescências do período de barbárie civilizacional que permaneceram no subconsciente dos povos através dos séculos. O filósofo alemão Herbert Marcuse, em seu livro *Eros e Civilização*, afirma que as sociedades

CURIOSIDADE

No filme *O Lobisomem*, o “lobo” com quem Larry Talbot lutou e acabou por transformá-lo, era na verdade o cão pastor alemão do próprio Lon Chaney Jr.

deixaram para trás o estado de barbárie quando o homem conseguiu a sublimar os seus instintos e pulsões animais e sórdidas através da moral e da religião. Entretanto, isso não impediu o surgimento de deformações da alma, de estados mórbidos onde a sublimação (que seria atributo fundamental para o progresso civilizacional) dava lugar ao recalque e a todo tipo de patologia, muitas delas investigadas através da psicologia freudiana. Algumas dessas patologias se transformaram em lendas, outras tiveram sustentação em personagens reais, como, por exemplo, o conde Drácula. Dracul, ou Vlad, como seu pai era chamado, teria sido investido na Ordem do Dragão pelo imperador romano Sigismundo com o fim de combater os “turcos infiéis”. O filho seguiu o caminho do pai, ganhando notoriedade pelas formas cruéis (o empalamento e o canibalismo eram algumas delas) como eliminava seus inimigos. Coube aos camponeses da região da Transilvânia relacionar Vlad com os morcegos, animais amaldiçoados no folclore romeno.

Dráculas, vampiros, lobisomens são todas criaturas da mesma espécie, chupadores de sangue, bestiais. Os primeiros relatos de lobisomens são encontrados já na mitologia grega. Teria sido Zeus o criador do Lobisomem. Segundo o mito, Licaão, o rei de Arcádia (região da Grécia) foi o escolhido para ser o primeiro homem lobo da história. Sua transformação se deveu a desaprovação de seus atos pelos deuses: Licaão teria violado a lei da hospitalidade, ao sacrificar, como oferenda, quase todos os visitantes do seu reino. “Furioso, Zeus se disfarçou de visitante e foi até a antiga cidade. Como esperado, o rei também tentou executar o deus de todos os deuses. Como castigo Zeus transformou o rei e quase todos seus filhos, que eram tão cruéis quanto o pai, em uma espécie de lobo.” Os mitos, assim como as superstições e lendas, são alegorias dos desejos e pulsões humanas. Uma forma de nos fazer lembrar a besta que permanece em nós, besta esta reprimida pelas leis e normas do processo civilizatório. As criaturas monstruosas serviam para nos lembrar que o bem e o mal convivem na alma de todas as pessoas.

A crença em vampiros é universal. Há registros dela na antiga Babilônia, no Egito, em Roma, na China, etc. Ela aparece com mais intensidade quando as sociedades enfrentam

circunstâncias históricas hostis, como as pestes e as depressões econômicas. Essa particularidade não passou despercebida pelos executivos da Universal no momento em que os EUA se viram mergulhados na grande depressão iniciada com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929. A primeira onda de filmes de terror dos estúdios havia se encerrado em 1936. Com a economia deprimida, a indústria de cinema — que tinha a rede de exibição de filmes em suas mãos — começou a inventar artifícios para ver se trazia o público de volta às salas. Uma das ofertas mais comuns era do tipo compre um e leve dois, ou seja, o indivíduo adquiria uma entrada e podia ver duas fitas, uma de lambuja. Estavam assim criados os famosos programas duplos. Muitos deles incluíam filmes de horror. O filme principal era chamado de A, o que vinha em seguida de B. Os “A” tinham um orçamento muito mais alto e serviam de isca para os outros, baratíssimos. Poucos diretores guardam saudade desse tempo. Alguns diziam que trabalhar naquelas condições, naquela penúria, trazia apenas “úlceras e indigestão”. Entretanto, nem todos pensavam assim. Muitos consideravam uma aventura, uma exigência de disciplina, um desafio mesmo, construir uma narrativa que pudesse atrair interesse do público com recursos bisonhos.

A Universal percebeu o potencial que as circunstâncias adversas ofereciam e inaugura o seu segundo ciclo de terror B com *O Lobisomem* (1941), de George Waggner, com o grande Claude Rains num dos principais papéis e Lon Chaney Jr. interpretando a “besta fera”. Destaque também para a participação de Bela Lugosi, na pele do cigano Bela. Visto na perspectiva de hoje, não deixa de ser interessante observar que o mal está corporificado em Bela e na sua mãe cigana Maleva (o nome já diz tudo, não é mesmo?), vivido pela atriz Maria Ouspenskaya, claramente caracterizada como uma bruxa. Há subliminarmente a ideia (xenófora) de que o mal vem de fora (dos ciganos) para conspirar a integridade de uma virtuosa comunidade. A Universal tinha claro que sua produção de obras de gênero se alinhava com o padrão de “filmes B”, mesmo quando esses filmes ludibriavam o público com uma aparente riqueza, caso da refilmagem de *O fantasma da Ópera*, produzido por Waggner e dirigido pelo prolífico Arthur Lubin.

Enorme sucesso de bilheteria, estrelado brilhantemente por Claude Rains, o ator britânico de origem muito pobre e que simplesmente detestava Hollywood, *O Fantasma da Ópera* conta a história de um violinista da Ópera de Paris que vive de maneira quase miserável porque sustenta uma corista que acredita poder se transformar numa das estrelas da Ópera. Demitido por um problema físico, tenta vender um concerto para continuar a pagar as caríssimas aulas de canto de sua protegida. Um trapaceiro rouba a sua música e ele acaba matan-

do-o. Tem, no entanto, seu rosto deformado pelo ácido jogado por uma jovem. Ele se refugia na Ópera e vai assassinando todos aqueles que se colocam no caminho ascendente de sua protegida. A pergunta que fica é: por que Erique Claudin (Rains) estaria obcecado por Christine DuBois (Susanna Foster)? Um amor doentio? O filme não explica e omite o fato de que na novela de Gaston Leroux em que a obra cinematográfica está baseada, Claudin é o pai de Christine que o desconhece. Os executivos da Universal preferiram deixar esse detalhe de lado porque achavam que poderia sugerir incesto.

Nos anos 1950, a Universal prossegue produzindo seus filmes de horror B. *O monstro da Lagoa Negra*, distribuído em 1954, foi dirigido por Jack Arnold, mestre da ficção científica dos anos 50. *O Monstro da Lagoa Negra* é um típico filme B, aparentado com *King Kong*, *Frankenstein* e *A Bela e a Fera* pelo seu aspecto romântico: a criatura horripilante que sente afeição por sua vítima. Este tipo de cinema nunca teve a pretensão de ser reconhecido pelo *establishment* da crítica mais culta, muito menos pelos intelectuais. O cinema para seus realizadores



era um brinquedo lúdico, um instrumento que lhes permitia uma comunicação espontânea e autêntica com o público. Esses diretores amavam o cinema de gênero porque viam nele a forma mais adequada para dizer coisas simples do imaginário popular. O cinema que faziam lidava com o irracional e, de uma maneira geral, se recusavam a assumir os valores do que se imaginava ser um cinema adulto e respeitável, ainda que algo muito mais profundo pulse subterraneamente neste cinema muitas vezes considerado pueril e vulgar.

CURIOSIDADE

O traje de monstro em *O Monstro da Lagoa Negra* impressiona até hoje. Projetado pelo ilustrador da Disney, Millicent Patrick e injustamente creditado exclusivamente a Bud Westmore, o processo foi criado por toda uma equipe de artistas em efeitos especiais.



A woman with short, styled white hair is shown from the chest up. She is wearing a vibrant red jacket over a dark turtleneck. The background is dark and appears to be an interior setting with a framed picture on the wall to the left. The overall lighting is low, creating a moody atmosphere.

REVISITANDO MONSTROS: ENTRE CLÁSICOS E MODERNOS

POR JULIA MAAS



Das criaturas que assombam a natureza ao sobrenatural inexplicável, os monstros habitam nosso imaginário, nosso inconsciente e nossa realidade. Essas figuras nos acompanham historicamente no entendimento do que é a vida e na construção social do ser humano, são reflexos da nossa própria imagem. Não é por menos que estão presentes na filosofia, na religião, na mitologia, no folclore, nas artes, entre outras tantas vertentes do pensamento e ação humanos.

Na literatura, as histórias de monstros levam até onde a imaginação permite e no cinema não poderia ser diferente, a técnica da imagem em movimento deu vida a esses seres, como o próprio Dr. Frankenstein faria, o horror vivo na tela deu uma nova potência à catarse.

O mistério da morte e do desconhecido vira nossos olhos de espectador, assim como Drácula vira os olhos de suas vítimas, mas não nos paralisa, já que sabemos estar em segurança dentro do cinema ou no conforto de nossas casas. Esta noção de segurança faz com que possamos sentir o medo e suas reações — como a descarga de adrenalina — sem sermos conduzidos a um estado de pânico ou terror. Daí que surge a sensação de prazer ao desfrutar dessas obras, da possibilidade de vivenciar o fantástico e o estranho sem um risco real.

Experimentar essas histórias em segurança expurga sentimentos obscuros, e muito humanos, que guardamos bem escondidos dentro de nós, e é esse reconhecimento — ainda que inconsciente — que faz com que a presença dos monstros seja sempre renovada nas obras ficcionais.

Neste processo, o cinema de terror resgata muitos mitos e lendas orais, além de clássicos da literatura como o lobisomem, o vampiro e o cavaleiro sem cabeça. A atualização desses personagens centenários mantém o interesse e a identificação do espectador conforme o

desejo estético-cultural deste vai se transformando.

Essas mudanças ficam mais claras quando comparamos obras clássicas com outras mais modernas. O apelo sexual, um forte poder de atração no público, sempre esteve presente, mas à medida que a sociedade foi evoluindo nas relações e nas liberdades sexuais, a sua representação também foi reformulada. Desde os primeiros filmes no gênero, como *Nosferatu*, de 1922, o hipnotismo que o personagem análogo ao Drácula exerce nos personagens femininos já aparece, mas de forma bem mais sutil do que na versão de 1931, em que a carga sedutora do conde fica evidente quando Lucy demonstra interesse no personagem, ou ainda na versão de 1958, em que a tensão sexual surge nos primeiros minutos na pele da esposa vampira usando um vestido decotado.

Na versão de Tod Browning não vemos o contato direto dos vampiros com os humanos, o próprio ato da mordida é velado. As questões técnicas da direção de arte podem ter influência neste aspecto, mas a aproximação física que o beijo-mordida requer também não era adequada para a moral da época. Já na versão de Terence Fisher, a esposa vampira aproxima seu corpo de Harker na tentativa de seduzi-lo e, conseqüentemente, mordê-lo, enquanto Drácula beija várias vezes o rosto de Mina antes de torná-la sua vítima, aproximando assim o ato do desejo carnal.

Mas a versão mais erotizada desta mostra é, sem dúvida, a de Coppola. Nesta, o ataque das esposas a Jonathan Harker se assemelha mais a uma orgia. O filme é carregado de conotação sexual, todas as cenas de mordida fletam com cenas de sexo, com movimentação de corpos e gemidos intensos.

Esse crescente na erotização da história do Drácula pode ser justificado pelo interesse da indústria cinematográfica em fórmulas para atrair o público. Sedução, violência e os mistérios da morte formam uma combinação poderosa no imaginário do espectador.

A evolução tecnológica dos meios de produção também potencializou o encantamento pelos filmes de monstro. A fantasia, cada vez mais ousada, dava ao público a possibilidade de ir longe a devaneios. Enquanto a morte de Drácula no filme de 1931 é velada pelo enquadramento, no de 1958, o personagem se desfaz dramaticamente em poeira, já na produção de 1992, o sangue jorra em abundância e a caracterização do conde transformado aproxima-o muito mais dos bichos do que do homem.

A versão de Coppola aponta ainda para outra questão na reformulação desses personagens. O filme traz um recorte amoroso à história do monstro. Na medida em que o afasta visualmente de sua forma humana, o aproxima de sentimentos com os quais nos identi-

ficamos: Drácula se rendeu ao inferno por amor. O romance contribui para o reconhecimento do espectador e permite que a obra cative até aqueles que não se identificam com o gênero de terror.

Os mesmos fatores podem ser identificados em outras releituras fílmicas presentes nesta mostra. Em *Um lobisomem americano em Londres*, os personagens principais geram simpatia pelo senso de humor, retirando um pouco a carga de tensão que a produção apresenta e aproximando-a da comédia. Cenas de sexo e romance também pontuam a história, bem mais do que no original *O lobisomem de Londres*, de 1931.

A qualidade técnica da direção de arte na versão de John Landis também deve ser notada. O Oscar de maquiagem fez valer o trabalho de Rick Baker. As cenas da transformação não utilizaram nenhum efeito digital, tudo foi moldado e pintado à mão, o que exigiu do ator principal uma média de 10 horas de paciência diária na maquiagem durante uma semana. David Naughton ficou sentado, imóvel, esperando os pelos e as próteses serem aplicadas entre cada plano da filmagem. O processo teve que ser ainda mais cuidadoso no realismo, pois as imagens foram gravadas com boa iluminação e em *close-ups*, valorizando os detalhes da transfiguração: mãos virando patas, rosto humano ganhando um focinho, torso encurvando e pelagem crescendo.

O personagem Jack, seu amigo, cujo rosto foi dilacerado pelo lobisomem, apresentou uma maquiagem tão realista que até a equipe demonstrou dificuldade em olhar para ele. O ator também demorou a se acostumar com sua própria aparência. O preciosismo da produção garantiu à fantasia toda realidade e horror necessários para o sucesso de um monstro.

A assimilação de universos sobrenaturais é mais eficiente à medida que se aproximam da nossa realidade, seja visualmente, ou narrativamente. Outro filme desta mostra que utiliza muito bem esses recursos é *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, de Tim Burton. A direção de arte, vencedora do Oscar em 2000, apresenta influências da estética dos estúdios Hammer, abusando do estilo sombrio nos cenários e na iluminação, além da coloração bem saturada, não tão realista, do sangue.

Os clássicos de terror da produtora fizeram parte do referencial construído pelo diretor desde sua infância e o filme do cavaleiro surge como uma homenagem. A presença de dois veteranos dos estúdios, os atores Michael Gough — que vive Arthur Holmwood em *O Vampiro da Noite* (1958), e Christopher Lee, o próprio Drácula — é a prova disto.

Uma curiosidade sobre o fato de Tim Burton ter sido escolhido para a direção do filme é que enquanto estudava no Instituto de Artes da Califórnia, um de seus professores trabalhou na

produção do desenho animado da Disney *As aventuras de Ichabod e Sr. Sapo*, de 1949, também inspirado no conto de Washington Irving, o que fez com que Burton se encantasse pela história tempos antes de ser convidado para dirigi-la.

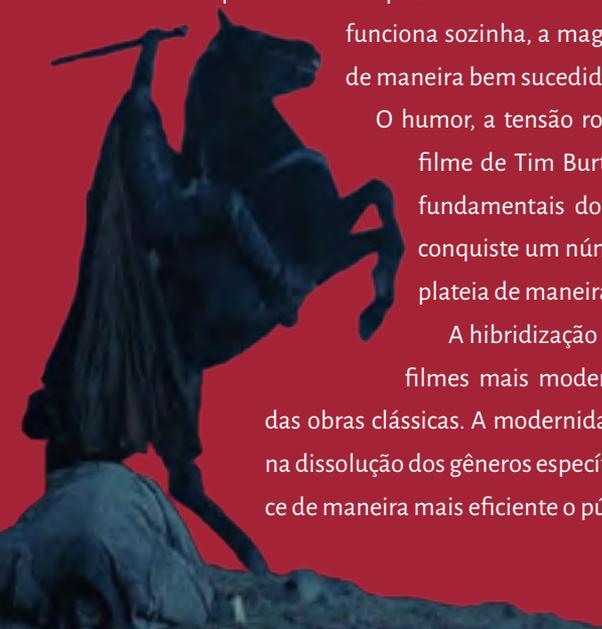
Em sua releitura, o diretor manteve alguns elementos do texto original como a personalidade de Ichabod e seu romance com Katrina, mas alterou alguns pontos para tornar a aventura mais inquietante. Crane passou de professor a investigador e a trama ganhou um tom mais sobrenatural com as bruxas e a realidade material do cavaleiro, se aproximando, neste sentido, do universo mágico explorado pela Hammer.

O filme também apresenta uma fórmula clássica dos filmes de horror em seu início: o personagem desventurado que é deixado à beira de uma localização sinistra onde é advertido pelos moradores locais dos perigos que corre, sendo que estes, normalmente, envolvem segredos sombrios. Mas tem o padrão de resolução do mistério rompido quando a investigação é conduzida de maneira mais racional. A carga religiosa da narrativa é equilibrada com o raciocínio lógico de Ichabod que deixa claro, em vários momentos, duvidar do teor sobrenatural dos crimes que acometem o condado de Sleepy Hollow, e mesmo depois de ter tido prova do oposto, Crane ainda recorre à racionalidade e a métodos científicos para resolver o caso.

Outro paradigma desconstruído na obra é Katrina que, ao contrário das personagens femininas clássicas sempre vítimas, belas e sedutoras, tem um papel importante no desenvolvimento da trama. Sem ser erotizada, ela é uma das poucas personagens que acompanha Ichabod na busca pela solução do mistério e ainda o protege com seus feitiços. O casal se equilibra com os poderes sobrenaturais da jovem, a racionalidade de Crane não funciona sozinha, a magia de Katrina é fundamental para encerrar de maneira bem sucedida a investigação.

O humor, a tensão romântica, o mistério e a ação presentes no filme de Tim Burton dão ao espectador todos os elementos fundamentais do entretenimento. Isso garante que a obra conquiste um número maior de pessoas e seja aprovada pela plateia de maneiras diversas.

A hibridização dos gêneros cinematográficos presente nos filmes mais modernos surge como estratégia na reinvenção das obras clássicas. A modernidade na linguagem cinematográfica aparece na dissolução dos gêneros específicos em prol de um gênero único que alcance de maneira mais eficiente o público.



O apelo sexual e o visual nas cenas de violência combinados ao universo fantástico dos monstros que habitam historicamente nosso imaginário atualizam esses personagens, nos aproximando deles pela identificação. Os filmes de monstro, agora também dinâmicos, engraçados e românticos suprem qualquer desejo que o espectador leve consigo para a caverna de Platão que é a sala de cinema. As sombras projetam sentimentos essenciais e ocultos, revelam-se reflexos, e é por isso que a experiência cinematográfica é tão encantadora, ela nos traz à luz, nos fazendo redescobrir a nossa própria caverna.

CURIOSIDADE

John Landis tinha 18 anos e trabalhava como assistente de produção em *Os Guerreiros Pilantras* (*Kelly's Heroes*, 1970) na então Iugoslávia, atual região da Sérvia e Montenegro. Foi onde ele primeiro teve a ideia para seu *Um Lobisomem Americano em Londres*.





A MORALIDADE DA REPUGNÂNCIA

POR MARCELO MIRANDA



“Você não pode penetrar no medo doentio que a sociedade tem da carne”, brada Seth Brandle, o cientista enlouquecido por uma experiência malsucedida em *A Mosca* (David Cronenberg, 1986). A sentença pode se ampliar para boa parte do cinema de horror que lida com os limites do corpo humano, com as deformidades físicas e com o temor de que a carcaça que nos sustenta possa, por alguma infelicidade da natureza ou do acaso, trair a crença de que somos “normais” e chocar o olhar alheio na representação do grotesco. É o que acontece com Seth, castigado pela ambição em desafiar as lógicas científicas; com o apaixonado Seymour, em *A Pequena Loja dos Horrores* (Roger Corman, 1960), refém da fome insaciável de uma planta; com os homens e mulheres fisicamente deficientes ou deformados em *Freaks* (Tod Browning, 1960); com o faxineiro Melvin, de *O Vingador Tóxico* (Lloyd Kaufman e Michael Herz, 1984), inadvertidamente transformado num super-herói da comunidade; e com Freddy Krueger, em *A Hora do Pesadelo* (Wes Craven, 1984), queimado vivo numa ação perversa de pais e mães maculados pela violência.

São todos protagonistas de filmes em que o olhar do outro a recair sobre eles os diferencia socialmente muito mais do que suas ações. Cada um a seu modo — e abordados de maneiras absolutamente distintas — está em busca de algum tipo de legitimação que se estabelece no trato com a comunidade que os rodeia. Nem sempre o movimento se dá por vias positivas (Krueger é um matador de crianças; Seymour se torna um assassino aleatório), e por isso a intersecção possível entre os personagens se dá na consequência de ações externas que catalisam cada uma das narrativas. A monstruosidade desses protagonistas jamais surge de maneira natural ou espontânea: ela é sempre fruto de algo que veio de outro lugar, seja acidental, deliberado ou casual.

No livro *A Filosofia do Horror* (Papirus, 1999), Noël Carroll aponta que “a reação afetiva do personagem ao monstruoso nas histórias de horror não é simplesmente uma questão de medo, ou seja, de ficar aterrorizado por algo que ameaça ser perigoso. Pelo contrário, a

ameaça mistura-se à repugnância, à náusea e à repulsa”. Nos cinco filmes aqui citados, não basta, portanto, temer o desconhecido ou a ameaça. O que os torna “malditos” é especialmente as reações exacerbadas de quem toma contato com o monstro.

A *Pequena Loja dos Horrores*, nesse sentido, faz com que a planta carnívora seja alçada a protagonista a partir do momento em que ela se mostra consciente (e falante) e passa a manipular Seymour para que ele lhe consiga comida. O filme de Corman é o único deste recorte a não contar com um personagem diretamente afetado pela alteração do corpo, mas, ao fim, a fusão entre a planta e Seymour torna-os um único ser, tal como Seth e a mosca no filme de Cronenberg ou a circense Cleópatra e a ave em *Freaks*. Às vezes, da junção entre as carnes, surge a monstruosidade; se, isolados, determinados elementos humanos ou animais podem até ser toleráveis (ainda que malvistas ou desprezados), juntos eles se tornam assustadores. “No contexto da narrativa de horror, os monstros são identificados como impuros e imundos. São coisas pútridas ou em desintegração, ou vêm de lugares lamacentos, ou são feitos de carne morta ou podre, ou de resíduo químico, ou estão associados com animais nocivos, doenças ou coisas rastejantes”, escreve Carroll.

CURIOSIDADE

A exibição de testes para *Monstros/Freaks* foi considerada “muito perturbadora” pelos espectadores que nunca antes haviam sido submetidos a ver atores fisicamente deformados na tela. Apesar dos vários cortes, *Freaks* foi inevitavelmente condenado desde o início por causa do tema “chocante”.

Seymour e a planta; Melvin e o lixo tóxico; Freddy, o fogo e as lâminas; Seth e a mosca: fusões insuportáveis, que geram a repulsa tratada por Carroll e o terror que se espalha em cada filme. Nuns casos, a junção é o ponto máximo da narrativa (*A Pequena Loja dos Horrores*); noutros, inverte as expectativas de quem se depara com ela para ser tornar benéfica (*O Vingador Tóxico*); e em casos mais extremos, podem potencializar distorções já constituídas e abrir portas para o mais puro mal (*A Hora do Pesadelo*; *A Mosca*).

Neste contexto, *Freaks* é um caso singular. Sua monstruosidade não vem de experiências, acidentes ou violências. Ela vem estritamente do olhar. A subversão do filme de Tod Browning, ainda atual, é a de que suas imagens nos induzem a achar os personagens deficientes



WARNING:

This is the most graphically
Violent "Action" Film
ever produced.

A LLOYD KAUFMAN / MICHAEL HERZ PRODUCTION

THE TOXIC AVENGER

HE'S THE SUPER-VIOLENT SUPER-HERO!

ou deformados como sendo os “freaks” do título, pura e simplesmente por suas aparências. Porém, o olhar do filme para aqueles corpos incompletos ou imperfeitos se destituiu de valorização. São os antagonistas — no caso, a *femme fatale* Cleopatra e o fortão Hercules — que se apresentam como os monstros autênticos, travestidos da mais pura perfeição e beleza física. Browning, assim, faz com que o horror de *Freaks* surja do comportamento ordinário de seres humanos detestáveis que fazem troça do grupo marginalizado pela aparência ‘despadronizada’. Não há, de fato, nada a temer no enredo do filme que não sejam as trapaças de Cleópatra e Hercules — o que não impediu que o longa-metragem ficasse 30 anos banido da Inglaterra por suas imagens consideradas repulsivas demais a sensibilidades questionáveis.

O Vingador Tóxico se aparenta a uma sequência afetiva de *Freaks*. Pois se Melvin é um deformado social desde a primeira cena, ele se efetiva como o monstro a ser temido pelo olhar do outro ao sofrer o acidente que o transforma numa figura putrefata. Quando alguém o vê, a primeira reação é o pavor. Mas é nesse novo corpo que ele se torna o exemplo perfeito de moralidade e correção na pequena cidade de Tromaville e com o qual ele conquista a garota (oportunamente cega) típica de seus sonhos juvenis. Tanto o desfecho de *Freaks* quanto de *O Vingador Tóxico* celebram a perfeição geral na imperfeição particular.

A derrocada dos personagens de *A Pequena Loja dos Horrores*, *A Mosca* e *A Hora do Pesadelo* tornam estes filmes mais sombrios e pessimistas do que *Freaks* e *O Vingador Tóxico*. Não há

CURIOSIDADE

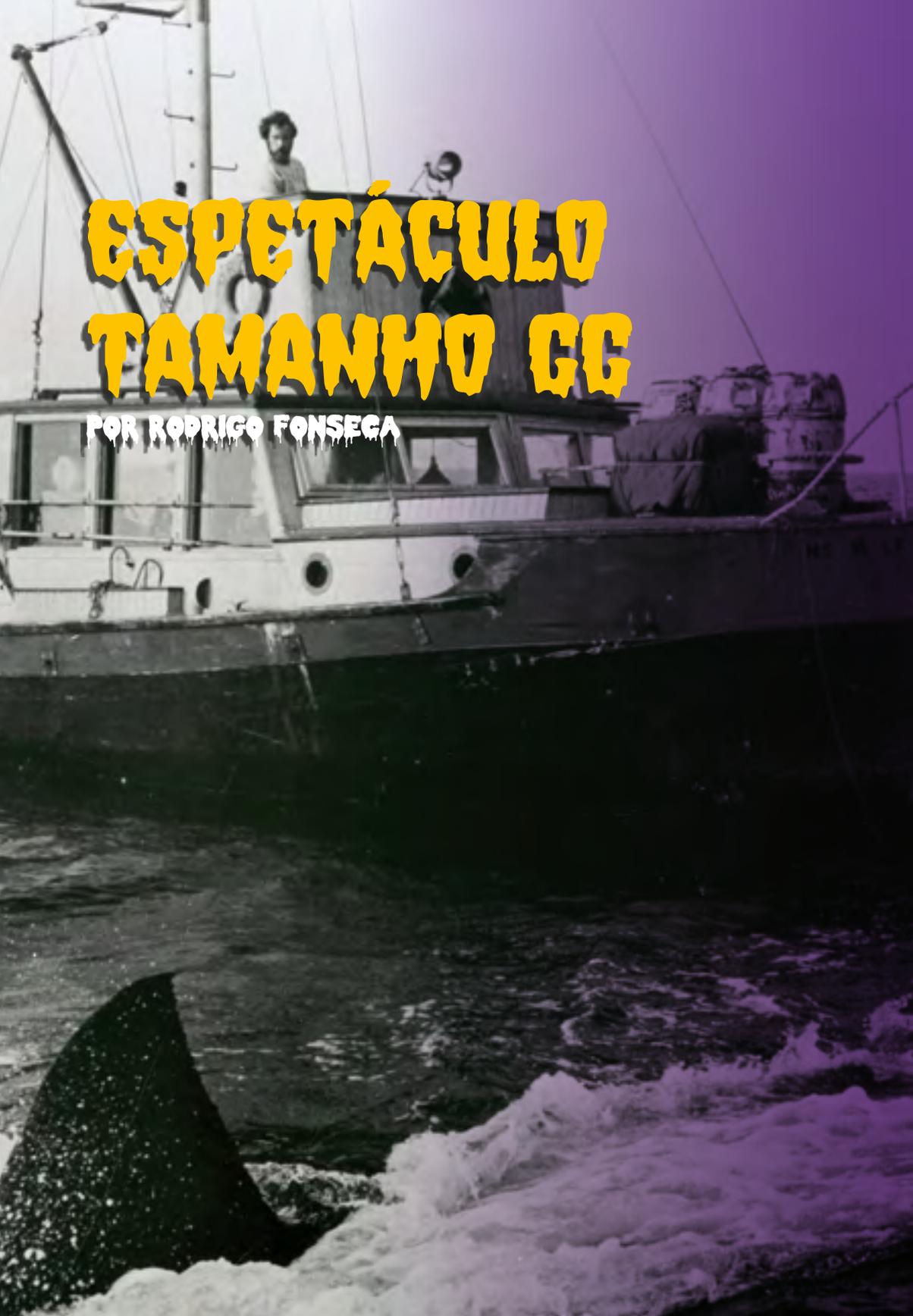
Seymour, na primeira versão de *A Pequena Loja dos Horrores*, fala sobre a planta, alegando que as sementes foram obtidas “ao lado de uma fazenda de oxococo” (frutinha vermelha comum em regiões frias do hemisfério norte. Também chamada de cranberry). Essa piada se perde em nossos dias. Em 1959, veiculou-se que as culturas de cranberry estariam contaminadas com um herbicida e, como resultado, as vendas despencaram.





inocência ou moralidade intrínseca em Seymour, Seth e Freddy. Os três, de modos e por motivos diferentes, buscam se destacar, chamar atenção a si, tornarem-se superiores. Suas ambições extrapolam a moral e os levam à monstruosidade antes mesmo de se transformarem de fato. Resumem a imperfeição do cidadão ordinário, do trabalhador do cotidiano sugado pela máquina capitalista que lhe seduz com fama, alegria e amor (Seymour), pelo desejo de superar a própria concepção de ser humano (Seth) e pela compulsão doentia (Freddy). Não por menos, são todos expurgados, ao serem levados ao limite absoluto da aversão monstruosa.

Os cinco filmes aqui comentados são, afinal, contos morais — como quase sempre são as melhores narrativas de horror, que se vale das infinitas possibilidades dessa escolha fabular para desenvolver a inventividade do gênero. Do dia a dia mais comum, quase sempre injusto e desequilibrado, surge a manifestação do horror que vem para limpar, com asco, aquilo que justamente a provocou.



ESPETÁCULO TAMANHO GG

POR RODRIGO FONSECA



Pantagruélico todo monstro precisa ser. Tamanho é documento quando se quer assustar. Foi o que Merian Caldwell Cooper e Ernest B. Schoedsack nos ensinaram ainda no engatinhar de Hollywood, com *King Kong*: ser grande demais é ser dissonante, é assombrar. Bons alunos de História, no trato com o audiovisual, aprenderam isso bem. J. J. Abrams é um bom aluno. Por silogismo, seu monstro é tamanho GG.

Quase uma década se passou desde que esse tal monstro, o de Cloverfield, assombrou o planisfério cinéfilo, com um faturamento global de US\$ 170 milhões alimentado pela originalidade de sua narrativa semidocumental, com pele de *reality show*. Seu êxito ajudou a projetar J. J. Abrams também como produtor, consagrando seu faro para a oportunidade em um momento histórico no qual a estética do real parecia inovadora como um acréscimo para a ficção. Uma leva de longas de terror veio nessa toada, em especial *[Rec]* (2007), da Espanha. Mas o dispositivo que Abrams confiou à direção de Matt Reeves deu sinal de desgaste, cansando-se pela banalização. Atento à mudança, o realizador de *Star Wars – Episódio VII: O Despertar da Força* (2015) percebeu que deveria arriscar uma outra penugem se quisesse liberar o pássaro dos lucros da gaiola na qual enjaulou aquele ex-

perimento. Em vez de fazer um Big Brother das trevas, seria mais impactante realizar um ensaio sobre paranoia. Eis: *Rua Cloverfield 10*, que chegou em 2016 renovando a veia criativa do cineasta e reafirmando seu laço de inspiração com um outro fabricante de monstros. Ou alguém tem dúvida de que J.J. nasceu de Steven Spielberg?

Ocupado neste momento, meados de 2018, com a adaptação do romance *O sequestro de Edgardo Mortara* e com a refilmagem do musical *West side story*, Spielberg emplacou dois sucessos este ano no circuito brasileiro: *The Post – Guerra secreta*, cujo faturamento global beirou US\$ 180 milhões, e *Jogador nº1*, que arrecadou US\$ 581 milhões. Ambas as cifras pavimentam a estrada milionária que o diretor de 71 anos começou a construir a partir do fenômeno *Tubarão*. Com base em romance de Peter Benchley, roteirizado pelo próprio escritor, em parceria com Carl Gottlieb, *Jaws* (título original) foi um projeto de US\$ 7 milhões — o que, na década de 1970, era um valor altíssimo a ser confiado nas mãos de um jovem diretor — lançado em 20 de junho de 1975 nos EUA e no Natal daquele ano aqui.

Dublado no Brasil pelos estúdios da BKS, *Tubarão* contabilizou US\$ 470 milhões nas bilheterias, conquistou três Oscars — de Melhor Som, Montagem e Trilha Sonora — e consagrou o



CURIOSIDADE

O tubarão não aparece totalmente em até uma hora e 21 minutos do filme, que tem uma metragem de duas horas. A razão pela qual quase não é mostrado é porque o tubarão mecânico raramente funcionava.

conceito de *blockbuster* (arrasa quarteirão) ao transformar as férias escolares do verão americano (maio, junho e julho) no período ideal para superproduções de ação e aventura. Todas as suas conquistas — potencializadas pelo talento de Roy Scheider (morto há 10 anos) e de Robert Shaw (que morreu há 40 anos) — mudaram a noção hollywoodiana de espetáculo.

Na trama, rodada em Massachusetts, com cenas de praia na Califórnia, Scheider vive o policial Martin Brody, um xerife que não gosta de mar, mas aceita se mudar para o litoral a fim de dar a seus filhos uma vida mais pacata. Mas o ataque de um tubarão branco vai ameaçar a paz do local. Um biólogo marinho (Richard Dreyfuss) tentará auxiliar o policial. Mas é um veterano lobo do mar, o pescador Quint (Shaw), quem vai se oferecer para fregar a criatura — batizada de Bruce nos bastidores, em referência maldosa ao advogado de Spielberg — numa narrativa regada a litros de adrenalina e aos acordes do compositor John Williams. A maioria dos *takes* foi feita com a câmera na mão da equipe de fotografia.

Existe algo de político em *Tubarão* na figura de um prefeito corrupto que não quer anunciar pra sua cidadezinha que existe uma besta marinha à caça de seus eleitores. Essa centelha política que se aproxima de uma narrativa de fliperama faz parte da linhagem moderna da qual Spielberg vem: o ‘cinemanovismo’ americano.

Houve uma vez um verão, o de 1967, no qual o cinema americano engajou-se numa bossa nova para seus padrões, diante de dois filmes sintonizados com a juventude *Bonnie & Clyde* — *Uma rajada de balas*, de Arthur Penn, e *A primeira noite de um homem*, de Mike Nichols. Em ambos, dois diretores com experiências em outras mídias (o primeiro da TV, o segundo do teatro) contextualizaram a juventude dos EUA sob uma ótica alarmista de percepção do cerceamento moral e da violência das instituições, seja pela carece da Família seja no chumbo quente do Estado. Dali pra frente, a filmografia do Tim Sam tomou uma curva à esquerda, imbuindo-se do espírito ‘cinemanovista’ — aquele que pariu Truffaut, embalou Bertolucci, ninou Polanski, pôs Glauber para arrotar — para tirar cascas das feridas nas veias abertas da América profunda.

Àquele momento, uma trupe formada por Francis Ford Coppola (*O poderoso chefão*), Brian De Palma (*Carrie, a Estranha*), Peter Bogdanovich (*A última sessão de cinema*), Bob Rafelson (*Cada um vive como quer*), Bob Fosse (*Cabaret*), Jerry Schatzberg (*O espantalho*), Hal Ashby (*Muito além do jardim*), Elaine May (*O rapaz que partia corações*), George Lucas (*Star Wars*) e um certo Steven (o do *Tubarão*), ao lado do documentarista Peter Davis (*Corações e mentes*) e dos ficcionistas mais velhos Robert Altman (*M.A.S.H.*), Sidney Lumet (*Sérpico*), Sydney Pollack (*A noite dos desesperados*) e (por que não?) Woody Allen (*Noivo neurótico, noiva nervosa*), trouxe para o primeiro plano da tela as varizes éticas que impediam a oxigenação do sangue americano.

Eles eram os chamados *Easy Riders*, em referência ao filme homônimo de Dennis Hopper, lançado em 1969 e tido como a carta de intenções de uma nova poética fílmica desesperada pelas chagas de sua pátria. Essas chagas eram, em geral, políticas e sociais — com destaque para a exclusão dos pobres e o dos imigrantes e o massacre dos *ragazzi*, fãs de Beatles e Rolling Stones mortos no Vietnã. Mas também havia as chagas da própria imagem, ou seja, a impotência que o próprio cinema teve de deflagrar uma revolução a partir de sua habilidade de (re) interpretar o mundo ao colocar sua memória em movimento. É aí que Spielberg entra — e com força total — como um criador de monstros, sejam tubarões ou o T-Rex de *Jurassic Park* (1993). Além de monstros reais... Monstros da criatividade... como J.J. Abrams.

Cada um a seu tempo, Spielberg e Abrams, abriram caminho para novas gerações de diretores interessados por monstros. Bong Joon-ho, da Coreia do Sul, é um deles. Com o seu *O hospedeiro*, seu peixe gigante, ele trouxe de volta uma mítica de monstros que aquele continente alimentou durante anos a fio, como Godzilla. O monstro meio lagarto, meio baleia ganhou as telas em 1954, numa versão dirigida por Ishirô Honda. *Godzilla* é até hoje uma referência para os que estudam criaturas GG.



CURIOSIDADE

O diretor Matt Reeves, de *Cloverfield*, disse que a ideia da cabeça da Estátua da Liberdade no meio da rua, veio do cartaz do filme de John Carpenter, *Fuga de Nova Iorque* (1981). “O pôster tinha uma foto da cabeça da Estátua e essa imagem não estava no filme! Era incrivelmente provocante”, explicou Reeves.



QUANDO A NATUREZA SE REVOLTA

POR BRENO LIRA GOMES



homem sempre foi fascinado por criaturas gigantes. Basta ver o interesse que os dinossauros exercem até hoje, mesmo tendo sido extintos milhões de anos atrás. E esse fascínio não passou despercebido pelo cinema. A sétima arte sempre colocou esses seres gigantescos como algo que surge para desestabelecer a ordem. Na maioria dos casos, são seres vindos da natureza que, de alguma forma, se voltam contra o ser humano.

Kong foi o pioneiro. O gorila gigante teve sua primeira versão no cinema lançada em 1933. E foi sucesso garantido. Produzido pela RKO, *King Kong* aterrorizou os espectadores da época nos palácios cinematográficos espalhados ao redor do mundo. As cenas de Kong em plena Nova York dos anos 30, enfrentando aeronaves do alto do Empire State, são até hoje um marco da sétima arte.

Na trama, uma expedição vai até uma ilha perdida atrás de uma criatura vista como divina pelos nativos. Kong, o rei de todos, é um ser magistral, que convive na Ilha da Caveira com outros seres tão fantásticos e enormes como ele. Os efeitos especiais, que mesclavam animação stop motion com atores reais, impressionam até hoje.

Capturado, Kong é levado para Nova York, a cidade centro do mundo, para ser apreciado



por um público sedento por novidades. E na grande metrópole encontra um fim trágico, vítima da ganância dos homens.

A história tem uma leve inspiração no clássico da literatura, *A Bela e a Fera*, ao mostrar a paixão do gorila pela frágil mulher loira, vivida por Fay Wray. *King Kong* teve continuações e até encontros inusitados que renderam outros filmes. Mas nada muito relevante. As refilmagens de 1976 e 2005, estreladas por Jessica Lange e Naomi Watts, respectivamente — onde viveram o objeto de desejo do monstro —, fizeram sucesso nos cinemas, o que só comprova o fascínio de Kong. E um reboot foi lançado em 2017, dando um novo gás a Kong.

Talvez a outra criatura que tem capacidade de competir lado a lado com o gorila gigante por um lugar no coração dos cinéfilos, seja *Godzilla*. Lançado em 1954, “Cojira” no original, é uma produção japonesa que ate hoje rende continuações ou novas “roupagens” desse ser, fruto das experiências com energia atômica. Dirigido por Ishiro Honda, *Godzilla* é fruto de um Japão pós-Segunda Guerra Mundial. O monstro, um misto de baleia e lagarto, é um alerta para os perigos do mau uso de armas atômicas, como as que caíram sobre Iroshima e Nagasaki.

Godzilla é uma mutação, um ser gigante que expele um raio radioativo pela boca, feito um dragão, capaz de destruir qualquer coisa. Ele passeia por Tóquio destruindo tudo que vê pela frente e deixando os japoneses desesperados.

Godzilla faz parte da cultura japonesa. Uma estátua enorme do monstro é uma das atrações de Tóquio. Ele integra uma linhagem de monstros gigantes chamados de *kaijus*, presen-

tes em vários filmes nipônicos. (O filme *Circulo de Fogo* presta uma homenagem a esses filmes.)

Aqui não são usadas animações, mas sim um ator vestindo uma pesada fantasia, circulando por uma Tóquio em miniatura. Visto por uns como Filme B, *Godzilla* teve várias continuações, inspirou outras criaturas e até hoje é objeto de interesse dos estúdios... De Hollywood. Duas adaptações já foram realizadas nos Estados Unidos, e mais uma está prevista para 2019.

Trajatórias bem distintas do monstro de *O Hospedeiro*, produção sul coreana de 2006. Fruto da poluição do rio Han por uma indústria química. Seu surgimento aterroriza a população de Seul, principalmente uma família, que luta desesperadamente para salvar a filha, que foi capturada pela criatura.

Dirigido por Joon-Ho Bong, *O Hospedeiro* usa a figura do monstro como metáfora sobre o abuso ambiental feito pelo homem. O ser gigantesco é fruto do descaso, da ganância de homens que não medem esforços em enriquecer. Por trás de mais um filme de monstros, está também uma história de amor entre pai e filha. Um pai que passará por uma transformação e que não vai medir esforços para salvar a filha de um fim trágico.

E o (sub) gênero “monstro gigante” segue sendo dos mais espetaculares e apaixonantes do cinema, além de um dos mais antigos e sem o menor sinal de desgaste. *Godzilla* e *Rei Kong* estão para se encontrar, *Círculo de Fogo* já teve uma sequência e acena com outras. Há um leque interminável de sagas monstruosas e enquanto elas permanecerem nas telas, a plateia só tem a agradecer.





INIMIGO ÍNTIMO

POR FRANCISCO RUSSO



enso, logo questiono. Por mais que não seja esta a famosa frase de René Descartes, tal variação não é nem um pouco absurda ao considerar a eterna curiosidade humana acerca de tudo que o cerca. Das profundezas dos mares ao espaço sideral, com o passar dos séculos o homem cada vez mais aperfeiçoou técnicas que não apenas permitissem sua existência, mas também a compreensão do mundo ao redor — o que, indiretamente, também era um meio de sobreviver.

À medida que as artes evoluíram, era natural que tais questionamentos também ganhassem espaço. Leonardo Da Vinci, como inventor, previu o helicóptero e o escafandro, por mais que não tenha sido capaz de fazê-los funcionar a contento. Julio Verne, na literatura, foi precursor do submarino e da viagem espacial em aventuras delirantes que fizeram com que milhões sonhassem com o até então impossível. George Méliès, já nos primórdios do cinema, fez do icônico *Viagem à Lua* uma devoção à criatividade.

Por mais que cada um destes exemplos — e tantos outros — sejam fruto de uma mente imaginativa que, geralmente, estava à frente de seu tempo, é importante também ressaltar que, sempre, possuíam um pé na realidade. Foi a partir do que já conheciam que tais “loucos”

mergulharam em seus delírios, explorando o conhecimento prévio para ir além do que já tinha sido alcançado, até então. Para o bem e para o mal.

Assim como a curiosidade é intrínseca ao ser humano, também o é o medo. Pode-se até dizer que um depende do outro, pelo risco inerente ao fazer algo que não se conhece. Daí surgem os monstros, sempre ameaçadores e prontos para colocar em risco a existência humana, nos seus mais variados aspectos.

Exercitar esta variedade tem sido uma tarefa autoimposta pela ficção científica, em um cinema que busca ir além do que simplesmente entreter. Se o “existe vida lá fora?” é uma pergunta inerente ao ser humano, a soma da curiosidade com o medo leva a uma imensa gama de possibilidades, que podem transitar do esperançoso ao catastrófico. Só que, muitas vezes, tal percepção vem não do que se imagina que há lá fora, mas do que existe aqui dentro.

Analisemos o emblemático caso de *Alien, o 8º Passageiro* (1979), o primoroso (e claustrofóbico) suspense espacial dirigido por Ridley Scott. Nele, a captação de uma mensagem codificada faz com que os tripulantes de uma nave de exploração sejam despertados da criogenia,

CURIOSIDADE

Embora *O Enigma de Outro Mundo* seja frequentemente citado como um *re-make* do filme de 1951, *O Monstro do Ártico*, realmente não o é. Embora os dois filmes compartilhem da mesma fonte, a novela de John W. Campbell Jr de 1938, *Who Goes There?*.

para que possam investigar sua procedência. A curiosidade leva à descoberta, acidental, de um ser extraterrestre que utiliza o corpo humano como hospedeiro, de forma a evoluir e se tornar cada vez mais letal - em busca de sua sobrevivência, é bom ressaltar.

Passemos ao também icônico *O Enigma do Outro Mundo* (1982), dirigido por John Carpenter, onde uma equipe de cientistas noruegueses encontra, congelado em plena Antártida, um extraterrestre que utiliza o corpo de qualquer ser vivo como hospedeiro, de forma a evoluir e se tornar cada vez mais letal — em busca de sua sobrevivência, é bom ressaltar.

Por mais que visualmente — e também em relação ao modo de agir — tais seres sejam bem diferentes, há nestes dois filmes mais em comum do que as características e o objetivo do inimigo. Em ambos, o vilão é tratado por nomes aleatórios, sem personificação: alien e



coisa — não por acaso, o título original é simplesmente *The Thing*. Não há a menor intenção em compreendê-los, são apresentados como máquinas mortíferas que colocam a vida humana em risco — em *Alien*, no espaço; em *O Enigma do Outro Mundo*, na própria Terra — e, por causa disto, precisam ser exterminados a todo custo. Simples assim.

É claro que tal dinâmica atende aos interesses tanto de Ridley Scott quanto de John Carpenter no desenvolvimento de uma narrativa que trabalhe o risco de tamanha letalidade, mas em ambos os casos o sentimento primordial é o medo pelo desconhecido. O mesmo que ronda o ser humano a cada movimento que toma sem estar em sua zona de conforto habitual, ou seja, quando precisa se aventurar a conhecer o outro, ainda indecifrável — seja ele (a) um possível interesse amoroso ou mesmo uma sociedade cujos pre-



ceitos sejam completamente distintos. Conferindo o dicionário, não por acaso, alienígena é sinônimo de estrangeiro.

Mesmo encampados no sempre criativo universo da ficção científica, tanto Scott quanto Carpenter desenvolveram variações delirantes sobre os velhos conflitos existentes em plena Terra, envolvendo a curiosidade pelo desconhecido, o medo decorrente em dar um passo inédito — e sofrer consequências por isto — e a própria sobrevivência. Mais ainda: ambos os filmes flertam com a ganância humana e a possibilidade de explorar tal letalidade na arte da guerra, mesmo sem saber como nem ter algum controle da situação. Ou seja, o monstro personificado foi calçado no que existe em cada um de nós, em maior ou menor quantidade.

Este não é o único caso em que a ficção científica explora monstros para refletir as contradições humanas. No excelente *Distrito 9* (2009), de Neill Blomkamp, os mesmos extraterrestres são usados como representação do apartheid social existente na África do Sul. Três décadas antes, Steven Spielberg brindou o público com duas variações benevolentes acerca do desconhecido, *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* (1978) e *E.T., o Extra-terrestre* (1982). Na recente série *Stranger Things* (2016), presente na Netflix, o mesmo acontece. Há centenas, milhares, de casos do tipo.

Portanto, quando você assistir ao próximo filme com monstros, sejam eles vindos do espaço ou não, questione a si mesmo se tal dinâmica não lhe é ao menos um pouco familiar. Por mais imaginativa que seja, toda história é calcada no que já se conhece, seja na ambientação ou no íntimo humano. É a partir das nossas contradições, como mocinhos e bandidos, que os arquétipos existentes nas artes são criados. Basta (querer) observar.

CURIOSIDADE

Os projetos iniciais de HR Giger para o xenomorfo Alien eram tão perturbadores que seus esboços foram retidos na alfândega do aeroporto de Los Angeles. Dan O'Bannon (o co-criador do monstro) teve que ir ao aeroporto explicar aos funcionários que eram projetos para um filme de terror. (Giger fez questão de projetar a criatura sem olhos, para que ela parecesse ainda mais sem alma).



MONSTROS & CRIANÇAS

POR LAURA LOGUERCIO CÂNEPA

P

erceber que o mundo pode não ser um lugar seguro é descoberta dolorosa, e ocorre muito cedo em nossas vidas. O desamparo, a impotência, a dor dos choques físicos no contato com o ambiente, tudo isso define nossas primeiras e mais marcantes experiências. Em geral, também, não ficamos felizes quando descobrimos que nossos corpos têm vontade própria, que nem sempre têm as capacidades que desejamos, que mudam constantemente, adoecem e morrem. Assim, não surpreende o fascínio que os monstros exercem sobre nossa imaginação, pois esses seres inventados, afinal, encarnam muitas das percepções que temos sobre a vida, sendo ao mesmo tempo assustadores (ao revelarem nosso estranhamento em relação ao mundo) e sedutores (ao destacarem a singularidade da experiência de cada um). O conjunto de filmes selecionados para a mostra MONSTROS NO CINEMA permite um interessante passeio pelas sensações que essas criaturas nos trazem, e isso fica evidenciado quando se observa a seleção dos filmes que relacionam a ideia dos monstros às experiências da infância e da adolescência.

Uma das práticas imaginativas mais antigas e disseminadas da humanidade consiste em “fabricar” monstros, com o uso dos mais diversos instrumentos, e com fins vários que podem ser mágicos, artísticos, científicos etc. Na literatura mundial, talvez o mais famoso humano fabricante de monstros seja Viktor Frankenstein, mistura de cientista e ocultista, concebido pela jovem escritora britânica Mary Shelley há duzentos anos. O longa-metragem *A festa do monstro maluco*, realizado em 1967 por Jules Bass (diretor do clássico infantil *A rena do nariz vermelho*), tem como protagonista justamente esse personagem, reencarnado por um boneco animado em *stop motion* (modo artesanal de animação em que estão as origens da arte das imagens em movimento) e dublado por Boris Karloff, ator eternizado ao interpretar a criatura de Frankenstein no clássico de 1931.

Produzido pela Rankin/Bass Productions, conhecida por realizar animações para a televisão, o filme promove o encontro de mais de uma dezena de monstros animados, inspira-



dos em figuras clássicas da literatura e do cinema — Dr. Jekyll, Lobisomem, Conde Drácula, Homem Invisível, King Kong e outros — todos envolvidos, ao modo de uma sessão da tarde, em uma grande confusão para saber quem substituirá o velho cientista Frankenstein, que deseja se aposentar. Trata-se de uma celebração do aspecto lúdico e anárquico do imaginário dos monstros, apresentando-se como uma proeza técnica e narrativa que está na origem de obras contemporâneas como a franquia animada *Hotel Transilvânia* e *O Estranho Mundo de Jack*.

Já *Gremlins* (1984), franquia iniciada quase trinta anos depois, foi concebido por dois dos mais importantes inventores do cinema fantástico, em uma década mágica nesse quesito (os anos 1980): Joe Dante, diretor, e Steven Spielberg, produtor. Ambos já haviam trazido ao mundo monstros incríveis — em filmes como *Tubarão* (Steven Spielberg, 1975), *Piranha* (Joe Dante, 1978), *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* (Steven Spielberg, 1978) e *Grito de Horror* (Joe Dante, 1981) — mas, em *Gremlins*, legaram às crianças e jovens uma das mais irônicas e tocantes representações da passagem da infância à adolescência — e também (por que não?) uma crítica ferrenha à sociedade dos EUA em plena “Era Reagan”, num período marcado pela desigualdade, pela xenofobia e pelos constantes ataques aos recursos naturais cada vez mais escassos no planeta.

Os monstros agora não pertencem à tradição literária, mas foram imaginados especialmente para o filme pelo artista Chris Walas (criador de monstros para Spielberg, David Cronenberg e George Lucas), partindo do conceito de um “ET com dentes”. Tudo começa com a chegada de um estranho e fofo animal de estimação — conhecido como *mogwai*, que é a transliteração da palavra cantonesa 魔怪 significando justamente “monstro”. Ele é uma criatura da natureza cuja existência amigável depende de um delicado equilíbrio do ambiente. Aos responsáveis por cuidar dele, cabe guardar e prote-



CURIOSIDADE

No roteiro original, o fofinho Gizmo seria o vilão principal. Primeiro filme em que surge o logotipo da Amblin Entertainment (O ET e Elliot voando na bike diante da lua), a empresa do (Steven) Spielberg.

ger, com sabedoria e autocontrole, essa espécie de divindade “yin e yang” que traz consigo a semente da destruição. Aqui, a tecnologia de animatrônicos permite a interação com os atores em *live-action*, e produz um contraste entre fofura e horror que faz deste um dos filmes mais marcantes sobre o tema em todos os tempos.

Monstros S.A. (1996), por sua vez, coloca em destaque o lugar da primeira infância, realizando, como *Gremlins*, uma inversão de nosso lugar em relação aos monstros, mas abrindo agora mais espaço para a inocência. A animação em computação gráfica permite a concepção de um mundo-outro, fechado em si mesmo, como convém à produtora Pixar, que então vinha se consolidando como um dos mais importantes estúdios de animação do mundo. Dirigido por Pete Docter, o filme concebe um mundo paralelo habitado por monstros, que obtêm a energia necessária para sua sociedade por meio de sustos pregados em crianças humanas — até que uma dessas crianças (a pequena Boo) não fica com medo, e isso levará uma dupla de monstros simpáticos, Sullivan e Mike, a uma aventura em busca de compreender seu próprio papel no mundo.

Por seu turno, *Onde vivem os monstros* (baseado no sucesso editorial homônimo de Maurice Sendak, publicado em 1963), mantém a infância como lugar privilegiado para a convivência com os monstros, mas parece voltar-se mais à memória dos mais crescidos sobre uma fase difícil de suas vidas: aquela em que começam a compreender a lógica do mundo adulto. Como é caro ao diretor desse filme, Spike Jonze, a resposta ao título é literal: os monstros se encontram dentro de nós. Os monstros que fazem companhia ao menino Max apresentam-se como encarnações de seus defeitos e virtudes, ajudando-o a adaptar-se a circunstâncias que não o agradam, mas que farão parte de sua vida. O maior interesse desse filme se encontra no conceito visual, que produz a interação de atores fantasiados à computação gráfica, dando vida a monstros palpáveis e reais, e transformando a experiência em uma incrível viagem ao mundo encantador e violento de nossa imaginação.

Finalmente, *Frankenweenie* (2012) traz uma mistura tanto de técnicas vistas nos filmes

anteriores (do *stop motion* à computação gráfica) quanto dos temas desses filmes. Concebido por um dos principais criadores de monstros ainda em atividade no cinema — Tim Burton — o filme, baseado num curta-metragem em *live-action* realizado pelo diretor no início de sua carreira, que coloca em debate o afeto, a magia e a ciência. Nesse filme, crianças lideradas por um pré-adolescente Victor Frankenstein descobrem uma técnica para reanimar seus animais de estimação falecidos — e, é claro, perdem o controle sobre seus desejos, criando o caos em uma pequena cidade repleta de adultos ignorantes.

Olhar para os diferentes monstros e criadores de monstros trazidos ao mundo nesses cinco filmes nos permite refletir sobre a imensa variedade de papéis que eles podem assumir quando nos auxiliam a compreender e a lidar com um mundo que, em certo sentido, pode ser tão estranho e mágico quanto as criaturas de nossa imaginação.





CURIOSIDADE

Este filme, *Frankenweenie*, foi precedido por um curta com exatamente a mesma história e fez com que Burton desse um adeus temporário à Disney, pois esta considerou a história do cãozinho morto, um tanto quanto “pesada” para seus moldes. Hoje Disney e Burton, com cadáver de cãozinho ou não, já fizeram as pazes.



**ZÉ DO CAIXÃO, ZUMBIS,
VAMPIROS E LOBISOMENS:
MONSTROS NO CINEMA
BRASILEIRO**
POR CARLOS PRIMATI

Os monstros clássicos formaram os alicerces do cinema de horror desde os primórdios do gênero nas telas. Surgidos nas credices e no folclore — como vampiros, lobisomens, demônios e assombrações — ou em criações literárias originais — como o Fantasma da Ópera, Frankenstein e o Médico e o Monstro —, esses seres levaram para os filmes a tradição de assustar, que vinha de contos e lendas relatados de forma oral ou nas páginas dos livros.

O terror se firmou como um dos gêneros cinematográficos mais populares — e prolíficos — ao longo destes mais de cem anos de medo nas telas tendo como artifício fundamental a presença do monstro, da ameaça estranha e assustadora. O Brasil, com seu rico folclore e a vasta seleção de personagens bizarros, exóticos e apavorantes, também tem sua contribuição para a galeria de monstros do cinema. Embora intermitente e muitas vezes de maneira obscura, a produção nacional de filmes de terror tem explorado criaturas folclóricas como Saci, Mula-sem-Cabeça, Curupira e Mãe-d'água, às quais atribui — ou devolve — aspectos monstruosos.

Filmes que dialogam com o realismo fantástico e o cordel, como *Proezas de Satanás na Vila de Leva-e-Traz* (1968) e *O Homem Que Desafiou o Diabo* (2007), ou que se alinham com a estética do Cinema Novo ou marginal, como *Pecado na Sacristia* (1975) e *O Fim da Picada* (2009), ou até mesmo comédias com um toque de fantástico, como *A Marvada Carne* (1985), também buscam nas figuras dos monstros folclóricos seu elemento de estranhamento.

De todos eles, o lobisomem é a criatura sobrenatural que mais foi retratada em nosso cinema, indo da comédia fantástica ao terror caipira, do deboche farsesco ao drama existencial urbano. O monstro peludo é tema de um dos mais badalados filmes brasileiros de horror da safra recente: *As Boas Maneiras* (2018), dirigido por Juliana Rojas e Marco Dutra. Combinando romance, fantasia, musical e drama — sem deixar de lado o terror, obviamente —, o filme mereceu elogios da crítica e recebeu incontáveis prêmios em festivais demonstrando que não apenas é possível fazer cinema de gênero no Brasil, como também é viável torná-lo relevante e sensível.

Parte da cultura de muitos países, o mito do lobisomem chegou às nossas terras, trazido pelos portugueses; em geral, é o sétimo filho do sétimo filho que sofre a maldição de se transformar em lobo em noites de lua cheia. Também pode ser o filho homem que nasceu depois de sete filhas, que aos treze anos vira bicho à noite para perseguir moças indefesas. O precário e risível *O Homem Lobo* (1971), dirigido por Raffaele Rossi, foi o primeiro longa-metragem a abordar a licantropia. Dois clássicos — totalmente diferentes entre si — sobre o tema vieram do Rio de Janeiro, ambos lançados em 1975: o experimental *O Lobisomem: O Terror da Meia-Noite*, produzido, escrito, dirigido e fotografado por Elyseu Visconti Cavalleiro, e *Quem Tem Medo de Lobisomem?*, escrito, dirigido e estrelado por Reginaldo Faria, mais fiel ao folclore e com um clima de alucinação e pesadelo, com toques de comédia absurda.

A combinação de terror e riso é a especialidade do carioca Ivan Cardoso, o “mestre do terror”. O cineasta, oriundo do movimento udigrúdi, mas com uma abordagem mais comercial, reinventou e tropicalizou monstros clássicos do cinema em *O Segredo da Múmia* (1982), *As Sete Vampiras* (1986) e *Um Lobisomem na Amazônia* (2005). Divertidos, eróticos e anárquicos, os filmes de Ivan Cardoso conseguiram estabelecer um diálogo com o público — seus dois primeiros longas de monstro foram enormes sucesso de bilheteria — e consagraram a tradicional incapacidade do brasileiro de se levar à sério: suas criaturas monstruosas quase nunca assustam; seu papel é mais demonstrar o ridículo da situação.

Vampiros também parecem monstros inadequados para os trópicos — o próprio Ivan Cardoso debochou disso com o clássico *Nosferato no Brasil* (1971), colocando o poeta Torquato Neto no papel do sugador de sangue que bebe água de coco na praia e persegue moças



de biquíni em plena luz do dia. Mas isso não quer dizer que esses seres não tenham lugar no nosso cinema: *Um Sonho de Vampiros* (1969), *Banquete de Taras* (1982), *As Taras do Mini-Vampiro* (1987), *Olhos de Vampa* (1996) e *Vampiro 40º* (2016) são interessantes abordagens dos mortos-vivos, devidamente abrigados e aclimatados à realidade brasileira — transitando livremente da comédia experimental ao pornô explícito.

ZÉ DO CAIXÃO E RODRIGO ARAGÃO: MESTRES DO TERROR NACIONAL

Quem não esconde seu desprezo por vampiros é o cineasta José Mojica Marins, indiscutivelmente o maior gênio do horror brasileiro — e isso levando em conta que sua própria filha, a também diretora e atriz Liz Marins, é a criadora de uma personagem vampírica encarnada por ela própria: a voluptuosa Liz Vamp. Mojica travou durante anos uma batalha ideológica contra seus críticos mais ferrenhos, e uma das soluções encontradas pelo diretor foi atacar os monstros “importados” para reivindicar mais respeito pelo produto nacional. Sua maior criação, o sádico e impiedoso agente funerário Zé do Caixão, lançado em 1964 no filme *À Meia-Noite Leverei Sua Alma*, é o monstro mais icônico de nosso cinema, um personagem que se difere completamente de qualquer criatura do folclore brasileiro.

CURIOSIDADE

À Meia-noite Leverei Sua Alma, primeiro filme em que aparece o personagem Zé do Caixão. Nascido de um pesadelo de José Mojica Marins. No sonho, um homem de capa preta e cartola arrastava o cineasta para um túmulo onde figurava sua data de morte. Mojica acordou em pânico e perdeu o sono, mas anotou tudo (Disse ele).

Desprovido de características sobrenaturais — pelo contrário; ele não acredita em fantasmas, assombrações e almas penadas —, Zé do Caixão é um vilão recalcado que desdenha daqueles que têm fé em Deus, castigando de maneira cruel qualquer um que ouse desafiar-lo. Paradoxalmente medroso e instável, ele busca a mulher ideal que seja capaz de gerar o filho perfeito: a única maneira que ele acredita ser capaz de perpetuar sua existência. A visão de fantasmas das vítimas que ele fez ao longo de sua busca insana revelam a fraqueza de suas convicções e a dimensão de seu delírio grandiloquente.

Zé do Caixão voltou em duas sequências diretas do clássico — *Esta Noite Encarnarei no Teu*

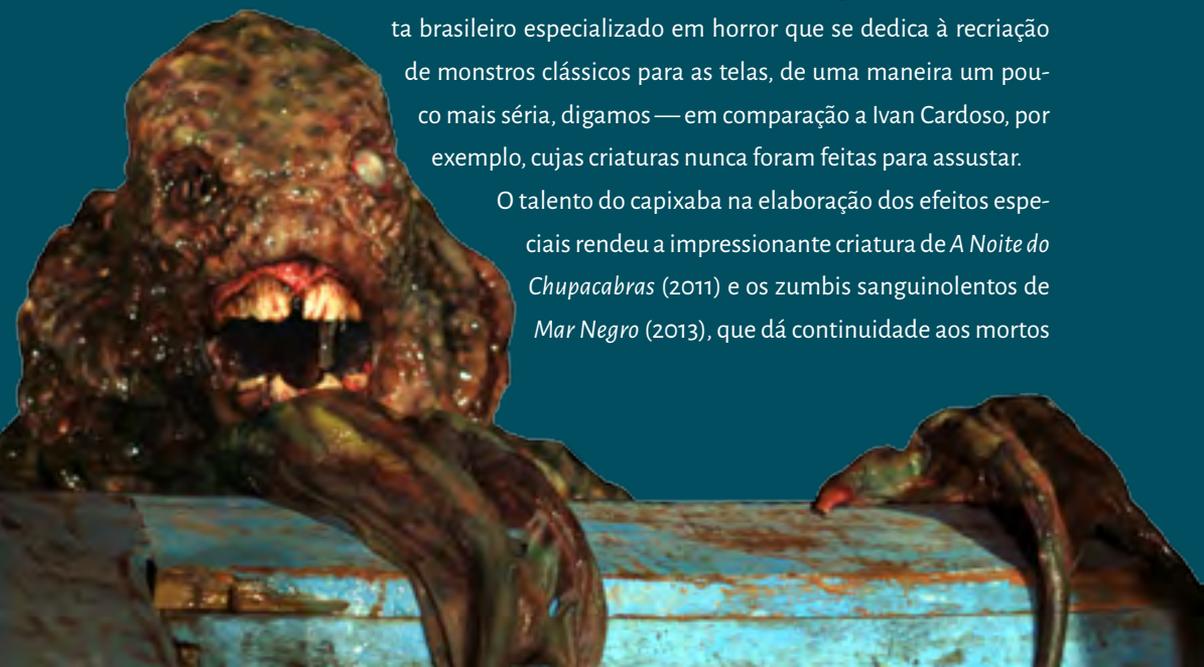
CURIOSIDADE

O cineasta Rodrigo Aragão, acostumado a mangues e estações de pesca, criou o horrendo monstro Baiacu-sereia, na verdade, uma lenda muito conhecida na região de Guarapari, onde *Mar Negro* foi realizado.

Cadáver (1967) e *Encarnação do Demônio* (2008) — e ressurgiu como uma criatura sobrenatural em outros filmes, como *Exorcismo Negro* (1974) e *Delírios de um Anormal* (1978). Nunca teve o tão almejado “filho perfeito”, mas deixou discípulos e pupilos, entre eles o capixaba Rodrigo Aragão, com quem trabalhou em *As Fábulas Negras* (2015), dirigindo o episódio *O Saci*, sobre uma das mais populares lendas brasileiras. De certa maneira, o filme foi uma espécie de passagem de bastão para o novo “mestre do terror”.

Rodrigo Aragão surgiu já causando impacto com seu longa-metragem de estreia, *Mangue Negro* (2008), uma história de zumbis lamacentos atacando em uma comunidade pesqueira no litoral do Espírito Santo. Combinando efeitos especiais artesanais — incluindo um zumbi “animatrônico” — com sangue, nojeira e humor negro, o cineasta assume a influência de diretores estrangeiros como Sam Raimi e Peter Jackson, e uma estética exagerada claramente herdada dos filmes baratos de terror dos anos oitenta. Aragão é o único cineasta brasileiro especializado em horror que se dedica à recriação de monstros clássicos para as telas, de uma maneira um pouco mais séria, digamos — em comparação a Ivan Cardoso, por exemplo, cujas criaturas nunca foram feitas para assustar.

O talento do capixaba na elaboração dos efeitos especiais rendeu a impressionante criatura de *A Noite do Chupacabras* (2011) e os zumbis sanguinolentos de *Mar Negro* (2013), que dá continuidade aos mortos



putrefatos redivivos de *Mangue Negro*. Entre as proezas de efeitos especiais em *Mar Negro* está o baiacu-sereia e uma baleia zumbi. O quarto longa-metragem de Rodrigo Aragão — além do filme colaborativo em episódios *As Fábulas Negras* — foi lançado em 2018: trata-se de *A Mata Negra*, sequência da saga de zumbis iniciada em seu filme de estreia. É também seu primeiro filme realizado com orçamento adequado e condições mais profissionais. O estilo narrativo do capixaba é inquieto, frenético — sempre tem alguma coisa acontecendo em cena e o sangue jorra em profusão.

José Mojica Marins e Rodrigo Aragão representam duas gerações distintas do cinema brasileiro e demonstram que é possível acreditar em um novo mundo de deuses e monstros.





SUA MAJESTADE, O MONSTRO!

POR FLAVIA GUERRA



Guillermo del Toro tinha sete anos quando se apaixonou pelo Homem Guelra (ou Gill-Man), a criatura amazônica de *O Monstro da Lagoa Negra* (clássico da Universal de 1954, dirigido por Jack Arnold). Em vez de querer vê-lo morto, sonhou em vê-lo vivendo feliz com a mocinha da história, a jovem Kay Lawrence (Julie Adams). Mas na época, e por muito tempo, monstros como o Gill-Man, Frankenstein, Drácula, Lobisomem e tantos outros, mereciam um fim melancólico e solitário, se não a morte. Foram necessários quase 50 anos para que o diretor mexicano conseguisse filmar *A Forma da Água*, sua própria história para o Gill-Man, e finalmente visse sua criatura não só conquistar a heroína mas também 13 indicações ao Oscar 2018, das quais venceu quatro: Melhor Filme, Diretor, Trilha Sonora e Direção de Arte.

Ame-se ou não, o longa estrelado por Sally Hawkins, há que se admitir que Del Toro escreveu um novo capítulo na história do cinema. A criatura de *A Forma da Água* não é um monstro, mas um deus. É o olhar do homem que o transforma em algo repugnante. É o mesmo ponto de vista preconceituoso que transforma a faxineira muda Elisa (Hawkins) em uma figura desprezível para o coronel Richard Strickland (Michael Shannon), do alto de sua

suposta supremacia à frente do laboratório em que a criatura é mantida e por ele torturada sistematicamente. Enquanto Elisa encontra na criatura (vivida por Doug Jones) o olhar que faz dela uma mulher completa, Strickland vê apenas uma aberração.

Não por acaso a questão do olhar é crucial neste e em outros filmes de Del Toro. O diálogo que ele estabelece com o mundo em plena Guerra Fria de *A Forma da Água* e com a realidade contemporânea é um dos pontos-chave de sua obra. Assim como cria outros diálogos com contextos políticos, obras e criaturas em longas como *O Labirinto do Fauno*, *Círculo de Fogo*, *A Espinha do Diabo*, entre outros. Subverter o olhar hegemônico e fazer uso do cinema para criar novas histórias que investigam quem são os verdadeiros monstros, da realidade e/ou da ficção, é um dos grandes talentos de Del Toro.

E é justamente o olhar do diretor mexicano e de outros diretores apaixonados pelas assustadoras e fascinantes criaturas que as transformaram em deuses do cinema. Del Toro é representante contemporâneo destes criadores, mas deve muito a nomes como Tod Browning, James Whale, John Landis, Jack Arnold, Karl Freund, Tim Burton e até Francis Ford Coppola. Neste time, não pode faltar também quem homenageou os grandes monstros com sátiras e musicais, como o mestre Mel Brooks e Frank Oz. E até mesmo o alemão Marcus Nispel, que num caldeirão de referências do *cult slasher Sexta-Feira 13* (o primeiro de uma sequência — quase — interminável que Sean S. Cunningham dirigiu em 1980) trouxe o assassino Jason de volta às telas em 2009 em *Sexta-Feira 13*.

O diálogo ocorre entre o real e a ficção, mas também entre filmes, épocas e seres assustadores que amamos. Os cineastas criam e recriam seus monstros e provam que essas criaturas são cruciais para a história do próprio cinema. Muito por isso, as releituras, *crossovers* de universos e sequências não nasceram hoje, obviamente.



CURIOSIDADE

Em *O Jovem Frankenstein*, Igor (Marty Feldman) é incumbido de buscar um cérebro muito especial, acondicionado num frasco rotulado “Hans Delbruck: Cientista e Santo”. E Hans Delbrück (1848-1929) existiu MESMO, foi um historiador militar brilhante, cujo filho, Max Delbrück (1906-1981), ganhou o Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1969.

Para quem acha inovador o Dark Universe que a Universal anunciou há pouco, e que trará *remakes* de seus grandes clássicos do horror, vale saber que o estúdio já criava em 1935 a continuação de *Frankenstein*, que James Whale havia dirigido em 1931. Aliás, o diretor só tocou a empreitada porque teve total liberdade artística sobre o filme. Ponto para a Universal, pois, entre tantos feitos, o longa-metragem eternizou a atriz Elsa Lanchester, diva *dark* com sua icônica mecha no cabelo.

Nem tão acertado seria o *Filho de Frankenstein*, de 1939, que não teve a direção de Whale, mas trouxe Boris Karloff vivendo a criatura pela última vez. O mesmo Karloff tinha sido protagonista do clássico *A Múmia*, de 1932, mas não estaria na sequência *A Mão da Múmia* de 1940. Como explorar quase à exaustão temas que deram certo não nasceu com os filmes de heróis, a Universal traria a Múmia de volta às telas em 1942 com *A Tumba da Múmia*, e em 1944 com *O Fantasma da Múmia*.

No mesmo ano, o estúdio também lançou *A Casa de Frankenstein*, sem Karloff vivendo a criatura, mas assinando a direção da obra, que unia, num pioneirismo do diretor, Drácula (John Carradine), Lobisomem (Lon Chaney Jr., que já havia estrelado *O Lobisomem* em 1941) e Frankenstein (Glenn Strange) na mesma aventura.

Se a intersecção entre os universos sombrios e os mitos não é novidade, o desafio é manter sempre novas as aventuras e releituras dos clássicos. Unir heróis, expandir as histórias e homenagear os grandes monstros pode parecer simples, mas é tarefa árdua.

Neste quesito, vale citar novamente Del Toro, que, em *Círculo de Fogo*, de 2013, presta a devida homenagem aos lendários Kaiju. Godzilla foi o mais célebre dos kaijus, mas há dezenas de filmes sobre os monstros japoneses que aterrorizam e fascinam plateias e gerações. Em 1954, Cojira já ganhava as telas contando a saga do enorme réptil que surgiu dos testes nucleares. Em japonês, Kaiju poderia ser traduzido livremente como ‘criatura estranha’, mas



que é também sinônimo dos monstros do cinema. E em *Círculo de Fogo*, eles emergem de um portal interdimensional no fundo do Oceano Pacífico. Ameaçam a humanidade, que tem que recorrer a robôs gigantes para combatê-los. No entanto, há que se admitir que Del Toro não esconde o amor pelos Kaijus e faz deles a verdadeira maravilha do longa.

Assim como é a planta carnívora Audrey II a estrela de *A Pequena Loja dos Horrores*, de 1986, dirigido por Frank Oz. Ainda que o elenco impecável liderado por Rick Moranis, seja um dos pontos altos do filme, o *puppet* é um personagem à parte. Na trama, um *remake* do longa de mesmo nome de 1960, dirigido por Roger Corman, Audrey II é uma plantinha que o nerd Seymour Krelborn (Moranis) encontra por acaso. Ele a leva para a floricultura onde trabalha em Los Angeles e acaba descobrindo que ela adora se alimentar de sangue. Audrey II (nome dado em homenagem à musa de Seymour, Audrey – Ellen Greene em seu mais importante papel no cinema) cresce e precisa cada vez de mais sangue.

A Pequena Loja dos Horrores é uma grande homenagem não só ao gênero, mas também aos musicais, pois também foi sucesso no circuito *off-Broadway* em 1980. Oz consegue transferir para a tela o ritmo que a história teve no palco e, ao mesmo tempo, criar cenas que influenciam diretores até hoje. Humor, direção de arte, figurino, elenco, que conta ainda com Steve Martin (talvez na melhor sequência do longa, vivendo o dentista sádico), Bill Murray, John Candy e até James Belushi, impecáveis. Não por acaso foi indicado ao Oscar de Melhor

Música (graças ao trabalho da dupla Alan Menken e Howard Ashman), além do de Efeitos Visuais. É para ver e rever sempre.

Se o longa de Frank Oz fez história, impossível não lembrar do pioneiro das sátiras aos clássicos do terror: *O Jovem Frankenstein*. Dirigido pelo mestre Mel Brooks e escrito por ele e por Gene Wilder, o longa é uma deliciosa comédia e também uma homenagem aos grandes clássicos do gênero. Também virou musical, sob o comando de Brooks, e inspira até hoje gerações de bailarinos e coreógrafos. Já o longa, de 1974, é um tributo irreverente a um dos maiores monstros da história. Wilder, o ator preferido de Brooks, é o célebre doutor, neto e herdeiro do criador de Frankenstein (a criatura, vivida por Peter Boyle). Já Igor é Marty Feldman, talvez a melhor atuação do filme, com seus olhos esbugalhados e performance memorável.

Humor negro na melhor forma, *O Jovem Frankenstein* ainda investe no talento feminino para a comédia. Madeline Kahn é a pura Elizabeth, Cloris Leachman é Frau Blücher, cuja simples menção do nome assusta os cavalos, e Teri Garr é a sedutora Inga. Sem medo de exagerar, é uma obra-prima do gênero.

Mas não esqueçamos que, se Brooks fez história com *O Jovem Frankenstein*, muito se deve ao trabalho do diretor britânico James Whale. É ele a grande criatura de *Deuses e Monstros*, que Bill Condon dirigiu e lançou em 1998. Nesta homenagem, não são as criaturas que ganham a reverência, mas seu criador. Na trama, inspirada no livro *Father of Frankenstein* (de Christopher Bram), o ator inglês Ian McKellen vive Whale, o pai do primeiro Frankenstein no cinema, que, como já citado, dirigiu o filme em 1931 para a Universal. O estúdio vivia sua Era de Ouro dos Monstros, iniciada oficialmente com *Drácula*, de Tod Browning com o lendário Bela Lugosi, também em 1931, e encerrada justamente com *O Monstro da Lagoa Negra*, em 1954.

Na chave do drama, e não da comédia como *Pequena Loja* e *O Jovem Frankenstein*, *Deuses e Monstros* reconstrói momentos marcantes da carreira do diretor ao mesmo tempo que cons-

CURIOSIDADE

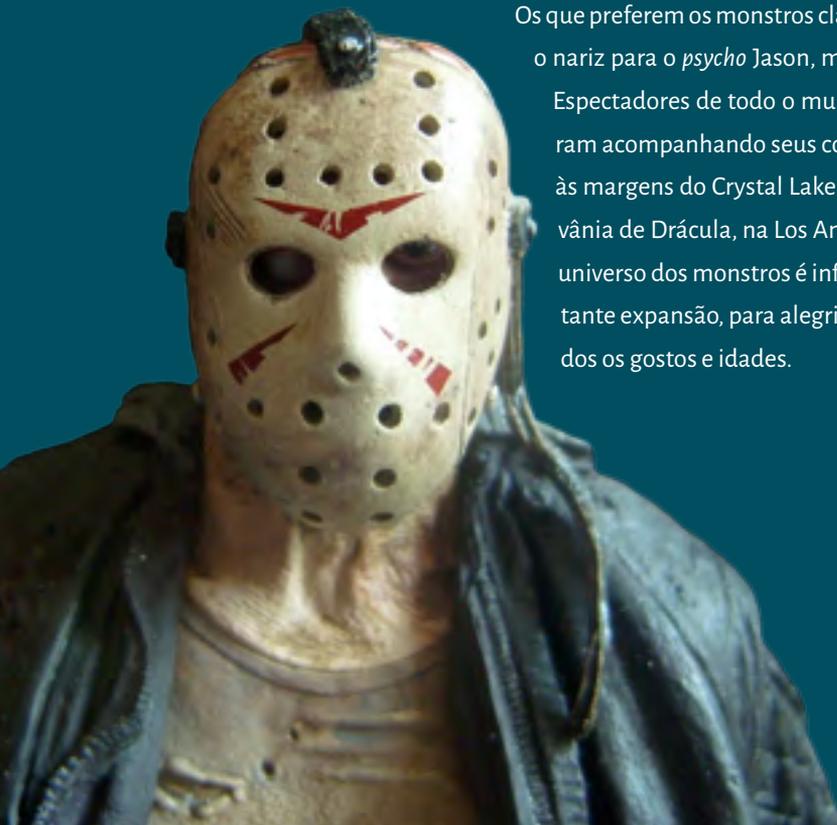
Em *Círculo de Fogo*, Guillermo Del Toro queria que Gipsy Danger, seu robô preferido, tivesse o ar autoconfiante de um pistoleiro do oeste selvagem. Para esse fim, ele e o artista conceitual Oscar Chichoni desenvolveram um andar arrogante baseado nos movimentos do quadril de John Wayne.

trói uma ficção para a fase derradeira de sua vida. Homossexual assumido, Whale acaba de sobreviver a um derrame e se dedica à pintura. Suas únicas companhias são sua empregada Hanna (Lynn Redgrave) e o jovem jardineiro Clayton Boone (Brendan Fraser em performance surpreendente). À medida que a amizade com Clayton cresce, Whale relembra seu passado, com direito a recriações de cenas de seus famosos *sets*, como o de *A Noiva de Frankenstein* (1935). Ainda que a produção seja muito bem cuidada, apesar de modesta, é o talento de McKellen o que torna este filme inesquecível. Apesar disso, o ator britânico não levou o Oscar de Melhor Ator de 1999, perdendo para Roberto Benigni e seu *A Vida É Bela*.

Já para os que amam os *slasher movies*, *Sexta-Feira 13* desperta tanto amor quanto críticas. Amor porque o alemão Marcus Nispel, que já havia assinado o *remake* homônimo do célebre *O Massacre da Serra Elétrica* (1974) em 2003; traz de volta o assassino Jason Voorhees. Criticado porque de fato é tarefa impossível recriar o clima da época em que Jason ganhou as telas do mundo numa produção barata e altamente rentável, que o tornou um dos psicopatas mais cultuados do cinema de terror.

Com toques que remetem, não por acaso, também a *O Massacre da Serra Elétrica*, *Sexta-feira 13* de Nispel tem elementos, personagens e referências aos outros 11 filmes da franquia.

Os que preferem os monstros clássicos podem torcer o nariz para o *psycho* Jason, mas jamais renegá-lo. Espectadores de todo o mundo também cresceram acompanhando seus contos macabros. Seja às margens do Crystal Lake de Jason, na Transilvânia de Drácula, na Los Angeles de Audrey II, o universo dos monstros é infinito e está em constante expansão, para alegria dos cinéfilos de todos os gostos e idades.







MONSTROS E SUAS PECULIARIDADES

POR ANA RODRIGUES



*“Bicho papão saia do telhado.
Deixe a criança dormir sossegada.”*

Nem o momento de imenso afeto da canção de ninar livrou mães de usar o monstro, como instrumento de assustador entretenimento, na hora de nos fazer dormir. No colinho sabíamos que a proteção seria grande contra o bicho papão. A criatura em cima do telhado acompanha o imaginário da humanidade e ganha representação em mais de um século de cinema. O ser excluído e geralmente grande, grotesco e ameaçador é uma anomalia que a sociedade teme e, muitas vezes, não procura entender.

“O que é um fantasma? Um evento terrível condenado a se repetir uma ou outra vez?” Na pergunta de *A Espinha do Diabo* (2001), de Guillermo Del Toro, o monstro não é tratado apenas como um ser grotesco. Ele é um acontecimento. Muito mais do que mostrar, é a ideia de que algo terrível vai acontecer e pode ser representada pelas sombras, pelo vento na cortina ou por uma música. Como o mestre Alfred Hitchcock ensinou, não é só uma questão de sustos e gritos. Há uma atmosfera construída através da linguagem visual.

É no estilo gótico, presente nas artes plásticas, na literatura e no cinema, que os monstros habitam e ganham força com a inspiração de luz e sombras do expressionismo alemão. Um sintoma do pós Primeira Guerra. Em 1920, *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, com cenários góticos e cubistas, ruas tortas e objetos deformados, serve de pilar inclusive para cineastas contemporâneos como Tim Burton.

A literatura na era vitoriana seria o marco na criação dos monstros mais populares do cinema. Poucos anos antes da Rainha Vitória subir ao trono, a inglesa Mary Shelley lançou em 1818, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Em 1886, Robert Louis Stevenson publicou *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde*. Em 1897, o príncipe das trevas era apresentado por Bram Stoker no livro *Drácula*. A forma sombria ganhava ares de romantismo. Amor, desejo, vida e morte caminham lado a lado. Nos Estados Unidos, em 1839, Edgar Allan Poe, lançava *A Quebrada da Casa de Usher*, que Jean Epstein, transformaria décadas depois numa das obras mais valiosas para o domínio da linguagem cinematográfica e em particular do gênero terror.

Apesar do sucesso literário e nas telas, o gênero não tinha tanto prestígio na Academia do Oscar. As indicações ocorriam apenas em categorias técnicas. A primeira vez numa categoria principal foi em 1932 por *O médico e o monstro*, prêmio de melhor ator para Fredric March. Só em 1969, *O bebê de Rosemary*, ganharia um Oscar de melhor atriz coadjuvante para Ruth Gordon. Em 2018, uma história de monstro conquistou o Oscar de melhor filme. Além do prêmio principal, *A forma da água*, ficou com mais três estatuetas, incluindo melhor diretor para Guillermo Del Toro.

A caracterização, a maquiagem e os efeitos visuais contribuíram para a criação de Fredric March, em *O médico e o monstro*. As cenas de transformação do Dr. Jekyll no tenebroso Mr. Hyde foram possíveis através da manipulação de filtros na frente das lentes das câmeras. A maquiagem de Fredric March acompanhava o padrão dos filtros. Mas o grande gênio na arte da caracterização foi o ator Lon Chaney, conhecido como “o homem das mil faces”. Ele cuidava pessoalmente de cada detalhe na composição de seus personagens. O Quasímodo de *O corcunda de Notre Dame* (1923) e *O fantasma da ópera* (1925) são alguns exemplos que o tornaram uma estrela da Universal. O filho do astro, Lon Chaney Jr., seguiu o caminho do pai como ator de caracterização e estrelou, entre outros monstros, *O Lobisomem* (1941).

Somente na década de 1980, a Academia passaria a premiar os artistas da maquiagem. A

CURIOSIDADE

Em eras pré-chroma-key, a fim de obter o efeito de invisibilidade ao tirar as ataduras, James Whale tinha Claude Rains completamente coberto em veludo preto e filmou na frente de um fundo também de veludo preto. Era criada a técnica do Travelling Matte, processo patenteado por Frank Williams e a posteriori batizado de Processo Williams.

primeira estatueta foi para Rick Baker, pelo filme *Um lobisomem americano em Londres* (Oscar, 1982). É um trabalho técnico e artístico onde é crucial a colaboração entre atores e atrizes, maquiadores e cabeleireiros. Em *A mosca*, de David Cronenberg, Jeff Goldblum passava cinco horas só na sessão de maquiagem, premiada com o Oscar em 1987.

De todos os monstros nenhum é mais sedutor que *Drácula* (1931). Com o sotaque húngaro, Bela Lugosi imprimiu ao vampiro uma sensualidade que definiu para sempre o personagem. Outras centenas de versões foram filmadas, entre elas, a produção de 1992, *Drácula de Bram Stoker*, de Francis Ford Coppola. O prestigiado diretor abriu mão de efeitos visuais criados em computador e priorizou os efeitos práticos, o uso de miniaturas e o *back projection* (projeção de uma imagem no fundo da cena com atores à frente). A criação de um Drácula melancólico por Gary Oldman, o capricho extremo nos cenários, figurinos e maquiagem levaram às telas a mais bela versão.

O sangue, produto fundamental em filmes de vampiros, também evoluiu. Nos primeiros filmes, o sangue falso era feito com calda de chocolate. Como o filme era em preto e branco, não havia problema com a cor. Quando as cores chegaram ao cinema, vários produtos foram testados e um deles ainda é muitas vezes usado: o xarope de milho com corante vermelho.

Parceiro de Drácula na preferência popular, *Frankenstein* foi lançado oito meses depois do vampiro e fez um sucesso ainda maior. Jack Pierce desenvolveu a maquiagem e o ator inglês Boris Karloff acrescentou as pálpebras para dar um ar mais fúnebre e tirou parte dos seus dentes para vincar a face. Gaze, massa e produtos químicos, nascia a criatura icônica. A roupa pesava 32 quilos e causou problemas na coluna do ator. Nos créditos apenas um ponto de interrogação ao invés do nome de Karloff, o que elevou o mito. Quatro anos depois, Boris, estrelou *A noiva de Frankenstein*, uma sequência considerada superior ao original. Dessa vez a criatu-

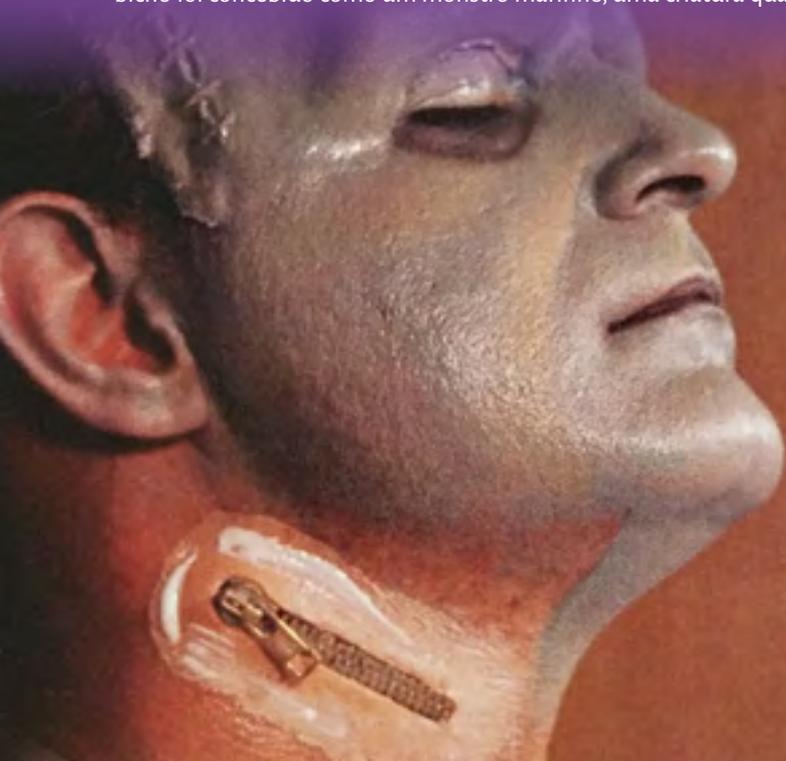


ra falava e a publicidade dizia “*The monster talks!*”.

Karloff e Lugosi tinham boa relação apesar da “rivalidade” nas telas. Em 1939, a dupla estreou *O filho de Frankenstein*. A atuação de Lugosi como o demente Ygor foi aclamada, mostrando outra faceta do ator de Drácula. A partir dos anos 1940, os clássicos monstros perderam força nas telas para os medos reais. O horror do Holocausto na Segunda Guerra, as bombas em Hiroshima e Nagasaki e a Guerra Fria criavam um novo sentimento assustador na humanidade.

Os avanços tecnológicos ganhariam cada vez mais influência no cinema nas décadas seguintes. Mas antes de tudo, uma técnica primária do cinema, o *stop motion*, desenvolvido por Georges Méliès no início do século XX, deu vida ao mais popular entre os monstros gigantes. O clássico *King Kong* de 1933, de Merian Caldwell Cooper e Ernest B. Schoedsack, utilizou a técnica para fazer atores de verdade contracenarem com o gorila gigante. King Kong era um boneco pequeno filmado quadro a quadro e os atores eram inseridos depois. Com a computação gráfica, o patamar dos efeitos visuais seria revolucionado com o CGI, sigla para o termo *Computer Graphic Imagery*.

Na década de 1970, dois novos monstros dominaram o cinema: *Tubarão* (1975) e *Alien—o oitavo passageiro* (1979). Seguindo o princípio hitchcockiano de que a atmosfera amplifica o suspense, Steven Spielberg criou o tubarão com dimensões muito superiores aos de verdade. O bicho foi concebido como um monstro marinho, uma criatura quase sobrenatural que tinha



CURIOSIDADE

Levou três horas para Doug Jones entrar na pele e na maquiagem especial que o torna o Homem Anfíbio. Aliás, Jones especializou-se em monstros na filmografia de Guillermo Del Toro: o Homem Pálido em *Labirinto do Fauno* e Abe Sapien nos filmes de *Hellboy*. Jones disse ter estudado a maneira como os cães respondem com suas cabeças e corpos aos nossos tons vocais, criando a linguagem corporal sedutora e fluida do monstro.

método para capturar suas vítimas. Um tubarão mecânico foi projetado. Como não era muito convincente, Spielberg optou por mostrá-lo o menos possível. É pela perspectiva do tubarão que assistimos o ataque. A trilha sonora de John Williams completa a obra que levou milhões de pessoas aos cinemas. Para o design de *Alien*, o diretor Ridley Scott contratou o artista plástico H. R. Giger. O diretor de elenco Peter Archer encontrou o nigeriano Bolaji Badejo num bar e viu nele o físico ideal para encarar a fantasia pesada. Alto, com pernas longas que lembravam um louva-deus, ele encarou o desafio. Resultado: Oscar de efeitos visuais em 1980.

Os monstros continuam a reinar no século XXI e muito dessa contribuição vem do mexicano Guillermo Del Toro. Além de levar *A forma da água* à consagração no Oscar, o realizador homenageou os monstros japoneses em *Círculo de Fogo* (2013), quebrou padrões com o avô bondoso que vira vampiro em *Cronos* (1993) e o demônio transformado em herói de *Hellboy* (2004 e 2008). Um Fauno (o ator Doug Jones, o novo Lon Chaney) é um guia da menina oprimida em *O Labirinto do Fauno* (2006). Em 2017, uma criatura anfíbia é vítima de forças militares antagônicas e interesse romântico de uma faxineira em *A forma da água*.

Monstros, esses estranhos excluídos; habitam nosso imaginário desde a canção de ninar até as trevas da sala de mágica de cinema.





SINOPSES



O GOLEM, COMO VEIO AO MUNDO



DER GOLEM † 1920 † 68min † 14 anos

Diretores Paul Wegener e Carl Boese

Elenco Paul Wegener, Rudolf Blümner, Carl Ebert, Henrik Galeen, Lyda Salmonova, Robert A. Dietrich, Jakob Tiedtke

Sinopse Em meados do século 19, uma comunidade judaica, da cidade de Praga, é ameaçada por um decreto do imperador. Na tentativa de salvar seu povo da desgraça, o célebre Rabino Loew, um poderoso feiticeiro, dá vida a um Golem. Criatura descomunal, moldada em barro, a princípio, sem vontade própria. Contudo capaz de surpreender à medida que o tempo passa.

CURIOSIDADE

Paul Wegener tinha ficado insatisfeito com sua tentativa anterior de contar a história do *Golem* (*Der Golem*, 1915) devido a compromissos que teve que cumprir durante sua produção. Esta segunda tentativa destina-se a transmitir mais diretamente a lenda, como ele ouviu em Praga, enquanto estava filmando *O Estudante de Praga* (1913).



DRÁCULA

DRÁCULA †1931 †74min †16 anos

Diretor Tod Browning

Elenco Bela Lugosi, Helen Chandler, David Manners, Dwight Frye, Edward Van Sloan, Herbert Bunston, Frances Dade

Sinopse Drácula é um conde vindo dos Cárpatos que aterroriza Londres por carregar uma maldição que o obriga a beber sangue humano para sobreviver. Após transformar uma jovem em vampira ele concentra suas atenções em uma amiga dela, mas o pai da próxima vítima se chama Van Helsing, um cientista holandês especialista em vampiros que pode acabar com seu reinado de terror.

CURIOSIDADE

Carl Laemmle queria Lon Chaney para estrelar *Drácula*. Infelizmente, Chaney morreu de câncer na garganta em 1930, antes do início da produção. Ian Keith foi considerado para o papel, mas também não conseguiu. Bela Lugosi provou ser PERFEITO na pele do conde, no fim das contas.



FRANKENSTEIN

IDEM † 1931 † 70min † 12 anos

Diretor James Whale

Elenco Colin Clive, Mae Clarke, John Boles, Boris Karloff, Edward Van Sloan, Frederick Kerr, Dwight Frye

Sinopse Henry Frankenstein, um cientista louco, vagueia à noite pelo cemitério na companhia de Fritz, um anão corcunda que é seu assistente. Frankenstein procura mortos e costura partes de diversos cadáveres para fazer um único homem, mas para “dar” a vida a este ser monstruoso, um cérebro é necessário. Assim, ele manda Fritz para o departamento médico de uma universidade próxima, onde o corcunda esquadrinha vários jarros nos quais foram mantidos cérebros para estudos.

CURIOSIDADE

Em 1910, quando a Thomas Edison Company produziu um filme de um rolo simplesmente intitulado *Frankenstein*, o negativo original foi aparentemente destruído num incêndio e o filme supostamente perdido para sempre. Mais de 60 anos depois, o colecionador Al Dettlaff, descobriu que seus arquivos incluíam uma impressão de nitrato desta raridade. Quem quiser conferir basta procurar no YouTube.

O MÉDICO E O MONSTRO



DR. JEKILL AND MR. HYDE † 1931 † 98min † 16 anos

Diretor Rouben Mamoulian

Elenco Fredric March, Miriam Hopkins, Rose Hobart, Holmes Herbert, Edgar Norton, Halliwell Hobbes, Tempe Pigott, Sam Harris, Tom London, Arnold Lucy, Murdock MacQuarrie, G.L. McDonnell, John Rogers, Douglas Walton, Eric Wilton.

Sinopse Primeira versão sonora da história clássica de Robert Louis Stevenson, obra-prima de Mamoulian. Um médico testa uma fórmula que pode desencadear o mal interior das pessoas. Adaptação de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, sobre uma poção que transforma um homem de ciência num maníaco homicida. A maquiagem de Wally Westmore influenciou muito a imagem de Hyde no cinema e nos quadrinhos.

CURIOSIDADE

As notáveis cenas de transformação de Jekyll em Hyde foram realizadas através de uma série de filtros coloridos na câmera. A maquiagem de Fredric March e a maneira como sua aparência era registrada dependia de qual filtro estivesse em cena. Durante a primeira transformação, os ruídos incluíam trechos de Bach, um gongo tocado ao contrário e, supostamente, uma gravação do próprio coração do diretor Rouben Mamoulian. Somente no final dos anos 1960 Mamoulian fez tal revelação.



A MÚMIA

THE MUMMY †1932 †73min †12 anos

Diretor Karl Freund

Elenco Boris Karloff, Zita Johann, David Manners, Arthur Byron, Edward Van Sloan, Bramwell Fletcher, Noble Johnson, Kathryn Byron

Sinopse Em 1921, uma expedição no Egito descobre a múmia do antigo príncipe Im-Ho-Tep, condenado e enterrado vivo por sacrilégio. Também no túmulo está o Pergaminho de Thoth, que pode trazer os mortos de volta à vida. Uma noite, um jovem membro da expedição lê o pergaminho em voz alta e enlouquece, percebendo que trouxe Im-Ho-Tep de volta à vida. Dez anos depois, disfarçada como um cidadão egípcio comum, a múmia tenta se juntar ao seu amor perdido, uma princesa reencarnada numa bela jovem.

CURIOSIDADE

Isto não é exatamente um filme de terror. Até é, contudo seus elementos monstruosos são minimizados em favor do triângulo amoroso entre Imhotep, Helen e Frank. Mal se vê Imhotep como múmia, em verdade.



O HOMEM INVISÍVEL

THE INVISIBLE MAN † 1933 † 72min † 12 anos

Diretor James Whale

Elenco Claude Rains, Gloria Stuart, William Harrigan, Henry Travers, Una O'Connor, Forrester Harvey, Holmes Herbert

Sinopse Um cientista que se dedicou à pesquisa em ótica, inventa uma maneira de mudar o índice de refração do corpo, de modo que não absorva nem reflita a luz e, assim, se torne invisível. Ele realiza com sucesso este procedimento em si mesmo, mas falha ao transformar-se num entusiasta da violência aleatória e irresponsável.

CURIOSIDADE

O protagonista Dr. Jack Griffin é um dos vilões mais sanguinários dos filmes de terror da Universal, com um total de quatro assassinatos retratados diretamente, mais a morte de dezoito membros do grupo de buscas e o descarrilamento de um trem que resulta em cem mortes. No total, o Dr. Griffin mata 122 pessoas.



A NOIVA DE FRANKENSTEIN

THE BRIDE OF FRANKENSTEIN † 1935 † 75min † Livre

Diretor James Whale

Elenco Boris Karloff, Colin Clive, Valerie Hobson, Ernest The siger, Elsa Lanchester, Gavin Gordon, Douglas Walton

Sinopse Dr. Frankenstein e seu monstro retornam, pois não estavam mortos como inicialmente se acreditava. O pesquisador planeja parar suas demoníacas experiências, mas quando um cientista louco seqüestra sua esposa, ele concorda em ajudá-lo a criar uma mulher, para ser companheira do monstro.

CURIOSIDADE

O cabelo incomum de Elsa Lanchester não era uma peruca, era seu cabelo real, com uma gaiola por baixo e apliques de mechas grisalhas.



O LOBISOMEM

THE WEREWOLF † 1941 † 70min † 12 anos

Diretor George Waggnner

Elenco Bela Lugosi, Claude Rains, Evelyn Ankers, Fay Helm, J.M. Kerrigan, Lon Chaney Jr., Maria Ouspenskaya, Patric Knowles, Ralph Bellamy

Sinopse Depois da morte do irmão, Larry Talbot retorna para sua casa no País de Gales, para se reconciliar com o pai. Larry fica romanticamente interessado em Gwen Conliffe, que administra uma loja de antiguidades. Como pretexto para conversar, ele compra uma bengala de cabeça de prata. Naquela noite, tentando salvar a nova amiga do que julga ser um ataque de lobo, ele mata a fera com sua nova bengala, mas é mordido no peito durante a luta.

CURIOSIDADE

No roteiro original, de Curt Siodmak, não ficava claro se a transformação seria real ou resultado de algum delírio do personagem. O Homem Lobo nunca deveria aparecer na tela. Por fim, o estúdio determinou que a mutação literal de Larry Talbot em lobisOMEM seria mais atraente para o público e, portanto, mais lucrativa.



O FANTASMA DA ÓPERA

PHANTOM OF THE OPERA † 1943 † 93min † 14 anos

Diretor Arthur Lubin

Elenco Claude Rains, Nelson Eddy, Susanna Foster, Edgar Barrier, Jane Farrar, Miles Mander, Hume Cronyn, Fritz Leiber

Sinopse O violinista Claudin ama a incansável soprano operística Christine Dubois e secretamente auxilia sua carreira. Todavia Claudin mata um editor de música num ataque de loucura e tem seu rosto deformado com ácido. Logo, crimes misteriosos assolam a Ópera de Paris, atribuídos a um "fantasma" lendário, a vagar por labirintos e catacumbas.

CURIOSIDADE

O auditório, e palco da Ópera de Paris, foi o mesmo construído para a versão de 1925. Ele ainda permanece na Universal Studios hoje como Stage 28, e tem sido usado para inúmeras outras produções. É o mais antigo *set* de filmagem no mundo e há rumores de ser mal-assombrado.



O MONSTRO DA LAGOA NEGRA

CREATURE FROM THE BLACK LAGOON † 1954 † 79min

† Livre

Diretor Jack Arnold

Elenco Richard Carlson, Julie Adams, Richard Denning, Antonio Moreno, Nestor Paiva, Whit Bissell, Bernie Gozier

Sinopse Combinando a herança de monstro clássico com a ficção científica dos anos 1950, a história gira em torno de uma criatura meio humana, meio peixe, escondida nas profundezas do Rio Amazonas. Depois de descobrir um fóssil, arqueólogos investigam suas origens e tentam capturar um monstro que ficou obcecado com a jovem Kay. Originalmente lançado em 3D, esta aventura emocionante inspirou sequelas, séries de TV e muito mais, que reforçam o legado do monstro até hoje.

CURIOSIDADE

O traje de monstro impressiona. Projetado pelo ilustrador da Disney, Millicent Patrick e injustamente creditado exclusivamente a Bud Westmore, o processo foi criado por toda uma equipe de artistas em efeitos especiais.



DRÁCULA O VAMPIRO DA NOITE

HORROR OF DRACULA †1958 † 82min † 16 anos

Diretor Terence Fisher

Elenco Peter Cushing, Christopher Lee, Michael Gough, Melissa Stribling, Carol Marsh, Olga Dickie, John Van Eyssen

Sinopse No século XIX na Alemanha, Jonathan Harker vai até o castelo do Conde Drácula, mesmo sendo advertido por sua esposa Lucy a não ir. Ao chegar lá ele é atacado por uma vampira, e espera o momento em que ela e Drácula estejam dormindo em seu caixão para contra-atacar. Ele enfia um punhal no peito da mulher e está prestes a fazer o mesmo com Drácula quando este acorda e o surpreende. Quando o Dr. Van Helsing, um estudioso de vampiros, chega até a cidade procurando por Harker, ele descobre que seu amigo virou um deles.

CURIOSIDADE

Nos Estados Unidos o título foi mudado para "Horror of Dracula" para evitar confusão com a versão clássica (Drácula, 1931). Essa era uma preocupação real, já que a versão de Bela Lugosi ainda veiculava pelos cinemas e havia sido negociada para a TV.



DRÁCULA DE BRAM STOKER

DRÁCULA † 1992 † 127min † 14 anos

Diretor Francis Ford Coppola

Elenco Gary Oldman, Winona Ryder, Anthony Hopkins, Keanu Reeves, Richard E. Grant, Cary Elwes, Billy Campbell

Sinopse Baseado no romance homônimo. Em 1462, Vlad Dracula, um membro da Ordem do Dragão, retorna de uma vitória contra os turcos, para encontrar sua esposa, Elisabeta, morta. O padre passa a dizer-lhe que a alma de sua esposa é condenada por cometer suicídio. Enfurecido, Dracula profana a capela e renuncia à fé cristã, declarando que se levantaria do túmulo para vingar Elisabeta com todos os poderes das trevas. Ele então apunhala a cruz de pedra da capela com sua espada e torna-se um vampiro.

CURIOSIDADE

O estúdio considerou a possibilidade de dar a Liam Neeson o papel de Van Helsing e o ator se animou bastante, mas assim que soube que Anthony Hopkins também se interessara, Neeson se retirou do projeto. Isso pelo simples fato de nutrir profunda admiração e respeito por Hopkins.



UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

AN AMERICAN WEREWOLF IN LONDON † 1981 † 97min

† 18 anos

Diretor John Landis

Elenco David Naughton, Jenny Agutter, Griffin Dunne, John Woodvine, Lila Kaye, Joe Belcher, David Schofield

Sinopse Dois estudantes universitários americanos numa excursão a pé pela Grã-Bretanha são atacados por um lobisOMEM que nenhum dos habitantes locais admite existir. Um desses rapazes é morto, juntamente com a fera que os ataca, que reverte à sua forma humana. O estudante sobrevivente começa a ter pesadelos que está caçando correndo sobre quatro pés, enquanto novas vítimas de um lobisOMEM começam a aparecer.

CURIOSIDADE

Michael Jackson ligou para John Landis e declarou-se um grande fã de *Um LobisOMEM Americano em Londres* e particularmente do trabalho do maquiador Rick Baker. Por conta disso, em 1983, Landis dirigiu o videoclipe de Michael Jackson, *Thriller*, com Baker encarregado da maquiagem. Teria dito o astro Jackson: “Eu quero me transformar num monstro”.



A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça

SLEEPY HOLLOW † 1999 † 105min † 18 anos

Diretor Tim Burton

Elenco Johnny Depp, Ian McDiarmid, Casper Van Dien, Michael Gough, Christopher Walken, Lisa Marie, Steven Waddington

Sinopse Em 1799, uma série de crimes envolvendo inocentes acontece no pequeno vilarejo de Sleepy Hollow. Para investigar o caso é chamado o detetive nova-iorquino Ichabod Crane, um excêntrico e determinado oficial de polícia com um jeito vanguardista de solucionar crimes. Os métodos investigativos de Ichabod serão postos à prova neste caso, que envolve um ser sobrenatural que pode ser o causador de todos os problemas.

CURIOSIDADE

Tim Burton adorou a sensação de estar fazendo um filme de terror estilo Hammer (companhia cinematográfica britânica especializada em filmes de terror, fundada em 1934). E ainda com o grande Christopher Lee. E na Inglaterra! Quicá por isso comparou o trabalho de Johnny Depp ao de Peter Cushing.



MONSTROS

OS MALDITOS

FREAKS † 1932 † 63min † 16 anos

Diretor Tod Browning

Elenco Leila Hyams, Olga Baclanova, Henry Victor

Sinopse Baseado em elementos do conto *Spurs*, de Tod Robbins, *Freaks* é um filme de terror pré-Código de Hollywood, produzido e dirigido por Tod Browning. A versão original, contava com uma hora e meia, mas foi considerada muito chocante para ser lançada, então teve várias cenas cortadas, resultando numa duração abreviada de 64 minutos. A versão original infelizmente não existe mais.

CURIOSIDADE

A exibição de testes para *Monstros/Freaks* foi considerada “muito perturbadora” pelos espectadores que nunca antes haviam sido submetidos a ver atores fisicamente deformados na tela. Apesar dos vários cortes, *Freaks* foi inevitavelmente condenado desde o início por causa do tema “chocante”.

A pequena loja dos horrores

THE LITTLE SHOP OF HORRORS †1960 †72min †14 anos

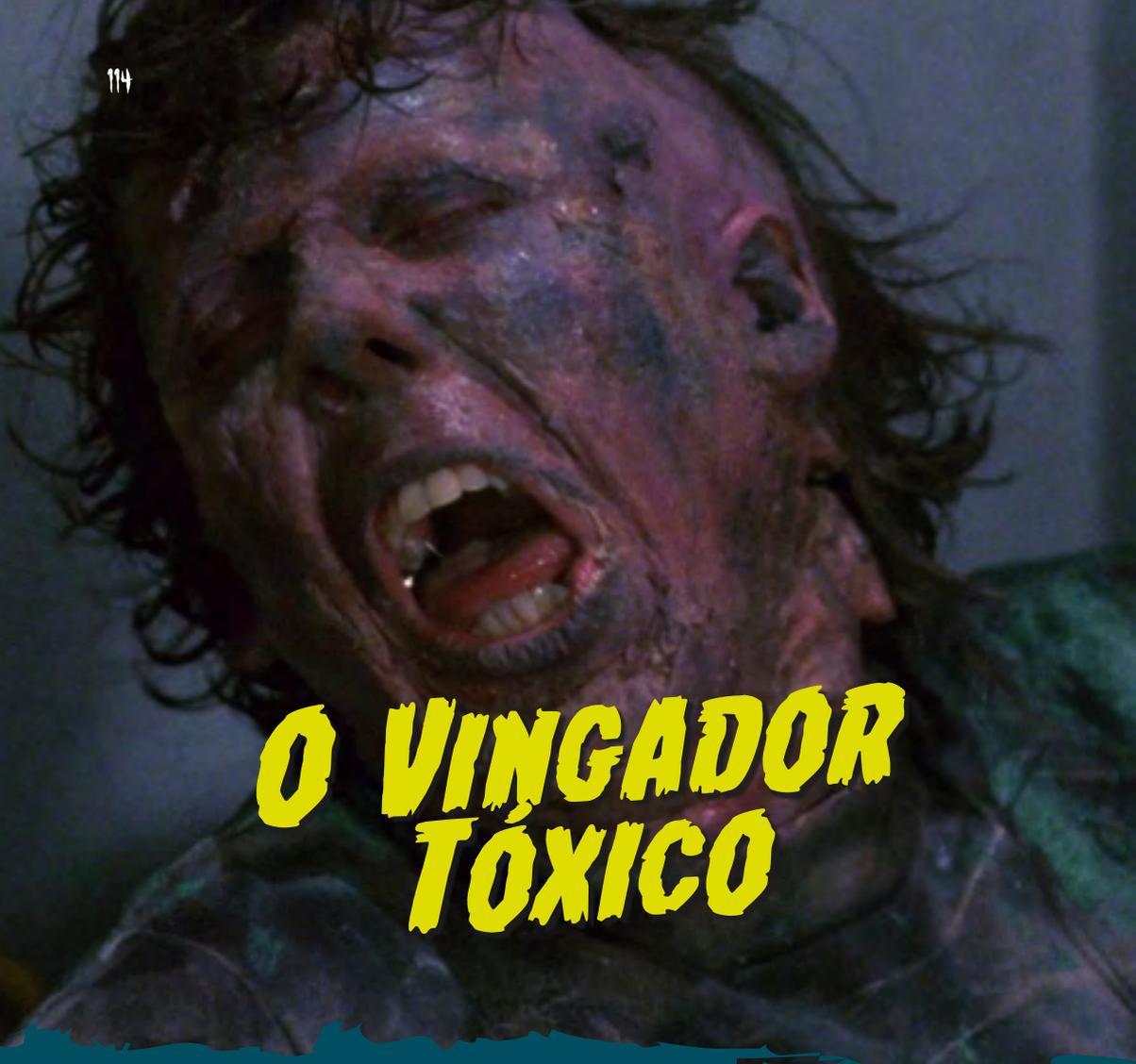
Diretor Roger Corman

Elenco Charles B. Griffith, Dick Miller, Dodie Drake, Jack Griffin, Jackie Joseph, Jack Nicholson, Jack Walford, John Herman Shaner, Jonathan Haze, Karyn Kup

Sinopse O submisso ajudante de floricultura Seymour, é apaixonado pela colega de trabalho Audrey. Durante um eclipse, ele descobre uma planta incomum e a batiza de Audrey II. A planta, que se alimenta apenas de carne e sangue humanos, atrai muitos clientes para a loja em dificuldades. Seymour alimenta a planta com o corpo do namorado de Audrey, que morreu acidentalmente, e precisa conseguir mais cadáveres para a planta cada vez mais sedenta. E faminta.

CURIOSIDADE

Um jovem ator Jack Nicholson tem apenas uma pequena participação como um paciente masoquista. No entanto, quando sua carreira começou a decolar, ele foi destaque nas fotos das exibições para ajudar a gerar interesse no público.



O VINGADOR TÓXICO

OS MALDITOS

THE TOXIC AVENGER †1984 †82min †18 anos

Diretores Lloyd Kaufman e Michael Herz

Elenco Andree Maranda, Mitch Cohen, Jennifer Babbist, Cindy Manion, Robert Prichard, Gary Schneider, Mark Torgl

Sinopse Esta é a história de Melvin, o faxineiro de Tromaville, que inadvertidamente confia nos membros hedonistas, desdenhosos e vaidosos do Clube da Saúde, a ponto de cair num tanque de lixo tóxico. Os resultados são devastadores e nasce... Um, ahn..."Herói" denominado... o Vingador Tóxico! O garoto da limpeza é agora o super-herói local, o combatente da corrupção, dos valentões, bonitões e afins. Um clássico da podreira.

CURIOSIDADE

Larry Sulton, que interpretou Frank, só tinha um braço. Durante a cena no restaurante mexicano, pode-se ver que seu braço direito é uma prótese; ela nunca se move até que o Vingador Tóxico a arranque.

A MOSCA

THE FLY † 1986 † 96min † 14 anos

Diretor David Cronenberg

Elenco Jeff Goldblum, Geena Davis, John Getz, Joy Boushel, Leslie Carlson, George Chuvalo, Michael Copeman

Sinopse *A Mosca* é um filme de terror e ficção científica, dirigido e co-escrito por David Cronenberg. Vagamente baseado num conto homônimo de 1957 do escritor George Langelaan. Um cientista excêntrico, lentamente se transforma em uma criatura híbrida entre humano e inseto, por conta de um erro. Maior sucesso comercial da carreira de Cronenberg, resultou na conquista do Oscar de Melhor Maquiagem.

CURIOSIDADE

Esse *remake* de *A Mosca* foi produzido pelo comediante Mel Brooks. David Cronenberg tinha sido contratado para dirigir *O Vingador do Futuro*, mas deixou esse projeto em prol de *A Mosca*.



A HORA DO PESADELO

OS MALDITOS

A NIGHTMARE ON ELM STREET †1984 †92min †18 anos

Diretor Wes Craven

Elenco John Saxon, Heather Langenkamp, Jsu Garcia, Johnny Depp

Sinopse *A Hora do Pesadelo* é um filme de terror e fantasia e primeiro de uma profícua série. Situado na cidade fictícia de Springwood, Ohio, mais especificamente na Rua Elm, o enredo gira em torno de vários adolescentes que são perseguidos e mortos em seus sonhos pelo apavorante fantasma do assassino de crianças, Freddy Krueger. Os adolescentes não sabem por que Krueger os está matando, mas seus pais guardam um terrível segredo ocorrido há muito, muito tempo.

CURIOSIDADE

Mais de 500 galões de sangue cenográfico foram usados durante a realização do filme. A maior parte provavelmente na cena da morte épica de Johnny Depp.



KING KONG

IDEM † 1933 † 94min † Livre

Diretores Merian Caldwell Cooper e Ernest B. Schoedsack

Elenco Fay Wray, Robert Armstrong, Bruce Cabot, Frank Reicher, Sam Hardy, Noble Johnson, Steve Clemente, James Flavin

Sinopse Uma expedição a uma ilha desconhecida e inexplorada, revela surpresas. Um grupo de homens ambiciosos e uma bela mulher invadem um território cujos perigos estão muito além da mais prolífera imaginação: monstros e nativos perigosos abrigam o segredo de um rei. Um GRANDE e poderoso rei. Rei Kong. Um gorila gigantesco que chega a tomar a mulher para si, todavia é capturado e levado para Nova Iorque, onde uma tragédia de proporções monumentais virá a ocorrer.

CURIOSIDADE

O filme *King Kong* de 1933, inspirou a franquia japonesa de *Godzilla*. Quebrou todos os recordes de bilheteria, arrecadando 1,75 milhões de dólares na época, o que permitiu ao produtor da RKO evitar a falência.



GODZILLA

OS GIGANTES

GOJIRA †1954 †96min †12 anos

Diretor Ishiro Honda

Elenco Akira Takarada, Momoko Kôchi, Akihiko Hirata, Takashi Shimura, Fuyuki Murakami, Sachio Sakai, Toranosuke Ogawa, Ren Yamamoto, Hiroshi Hayashi

Sinopse Japão em pânico depois que vários navios explodem e são afundados. No início, as autoridades pensam ser alguma atividade vulcânica submarina. Na Ilha Odo, certa noite, algo destrói uma quantidade significativa de casas e mata inúmeras pessoas. Uma expedição liderada por um paleontólogo, sua filha Emiko e o namorado desta, logo descobrem algo mais devastador do que se imaginava, na forma de um monstro semelhante a um lagarto de 50 metros de altura que os nativos conhecem pelo nome de Gojira. O tal monstro ameaça destruir não apenas o Japão, mas o resto do mundo também.

CURIOSIDADE

Seu nome original, *Gojira*, era o apelido de um trabalhador durão do Toho Studios no Japão. Uma mistura da palavra inglesa *gorilla* e da palavra japonesa *kujira* (que significa baleia), tal nome chamou a atenção do co-criador do monstro, Eiji Tsuburaya, que o emprestou para o título do filme.



TUBARÃO

JAWS † 1975 † 124min † 14 anos

Diretor Steven Spielberg

Elenco Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss, Lorraine Gary, Murray Hamilton, Carl Gottlieb, Jeffrey Kramer

Sinopse O novo chefe de polícia de Amity, uma cidade resort em Massachusetts, é chamado até a praia, onde o corpo mutilado de uma jovem é encontrado. O prefeito não pretende perder o dinheiro dos turistas no feriado de 4 de julho, portanto encobre a notícia de um possível ataque de tubarão. Alguns dias depois, surge mais uma vítima e procurando a solução mais rápida, o prefeito oferece uma recompensa a quem capturar a fera assassina. Quando tudo parecia tranquilo e normalizado, as mortes voltam a ocorrer e um veterano caçador oferece-se para acabar com o mal de uma vez por todas.

CURIOSIDADE

O próprio Peter Benchley (autor do livro e co-autor do roteiro) pode ser visto numa participação como o repórter que fala para a câmera na praia. Benchley já havia trabalhado como repórter do Washington Post.

O HOSPEDEIRO



OS GIGANTES

GWOEMUL † 2006 † 110min † 14 anos

Diretor Bong Joon-ho

Elenco Song Kang-ho, Byeon Hie-bong, Park Hae-Il, DooNa Bae, Ko Ah-Sung

Sinopse Resultado de malfadadas experiências nas águas do Rio Han, uma criatura gigante emerge do rio e parte para cima das pessoas. Um jovem sedentário dirige uma pequena lanchonete num parque perto do rio, ao lado de seu pai, sua filha; sua irmã campeã olímpica de arco e flecha; e o irmão, ex-ativista político. Depois de um funeral em massa, os representantes do governo coreano e militares estadunidenses colocam pessoas em quarentena, enquanto anunciam que a criatura não é apenas um perigo direto, mas também o hospedeiro de um vírus mortal e desconhecido.

CURIOSIDADE

Foi a maior bilheteria da história na Coreia do Sul. Mais de um quarto da população foi vê-lo no cinema. Filme de maior bilheteria em toda a Ásia até então, mais visto do que os *blockbusters* de Hollywood.



CLOVERFIELD – MONSTRO

CLOVERFIELD † 2008 † 90min † 14 anos

Diretor Matt Reeves

Elenco Lizzy Caplan, Jessica Lucas, Odette Annable, Michael Stahl-David, Mike Vogel, T.J. Miller, Anjul Nigam

Sinopse Acompanhe cinco nova-iorquinos a partir da perspectiva de uma câmera de vídeo portátil. O filme ainda mostra pedaços de vídeo previamente gravados. Uma noite que era para ser de festa, contudo, à medida que a festa avança, explosões anunciam a chegada de uma criatura desconhecida, que começa atirando a cabeça da Estátua da Liberdade bem no meio da rua. Inicia-se uma jornada por uma cidade invadida. Invadida por um monstro gigante e até alguns monstros menores, além das bombas do exército...

CURIOSIDADE

As imagens trêmulas direto de câmeras portáteis, deixaram muitos espectadores com vertigem, enjôos e problemas afins. Semelhante ao que já acontecera durante a apresentação de *Bruxa de Blair*.

ALIEN - O OITAVO PASSAGEIRO

OS ALIENÍGENAS

ALIEN † 1979 † 115min † 14 anos

Diretor Ridley Scott

Elenco Tom Skerritt, Sigourney Weaver, Veronica Cartwright, Harry Dean Stanton, John Hurt, Ian Holm, Yaphet Kotto, Bolaji Badejo, Helen Horton

Sinopse A nave Nostromo cruza o espaço até um planeta desconhecido, onde algo misterioso está ocorrendo. Após investigar fatos estranhos, sua tripulação retorna à bordo, contudo há alguém a mais com eles. Uma criatura praticamente invencível e feita do mais puro ódio. Um clássico do terror e da ficção científica que fez escola no cinema de gênero e dura até os nossos dias.

CURIOSIDADE

A nave cargueira Nostromo, recebeu esse nome de um romance de Joseph Conrad (autor também de *O coração das Trevas*, livro que inspirou o clássico do cinema *Apocalypse Now*).

O Enigma do Outro Mundo

THE THING † 1983 † 109min † 16 anos

Diretor John Carpenter

Elenco Kurt Russell, Wilford Brimley, T. K. Carter, David Clennon, Keith David, Richard Dysart, Charles Hallahan, Peter Maloney, Richard Masur, Donald Moffat, Joel Polis, Thomas G. Waites

Sinopse Algo estranho está ocorrendo na Antártida, nosso continente gelado. Terrível demais para ser descrito em palavras, um monstro mata indistintamente quaisquer seres vivos que dele se aproximem. E das formas mais horrendas imagináveis. Obra-prima do terror que chocou plateias pelo mundo afora quando foi exibido a primeira vez. Permanece atual e apavorante.

CURIOSIDADE

Kurt Russell jogou uma banana de dinamite REAL durante uma cena final. Ele não previa o que aconteceria... Russell foi literalmente arremessado para trás após o dispositivo ser deflagrado. Esta tomada foi deixada no filme.



A FESTA DO MONSTRO MALUÇO

MAD MONSTER PARTY † 1967 † 95min † Livre

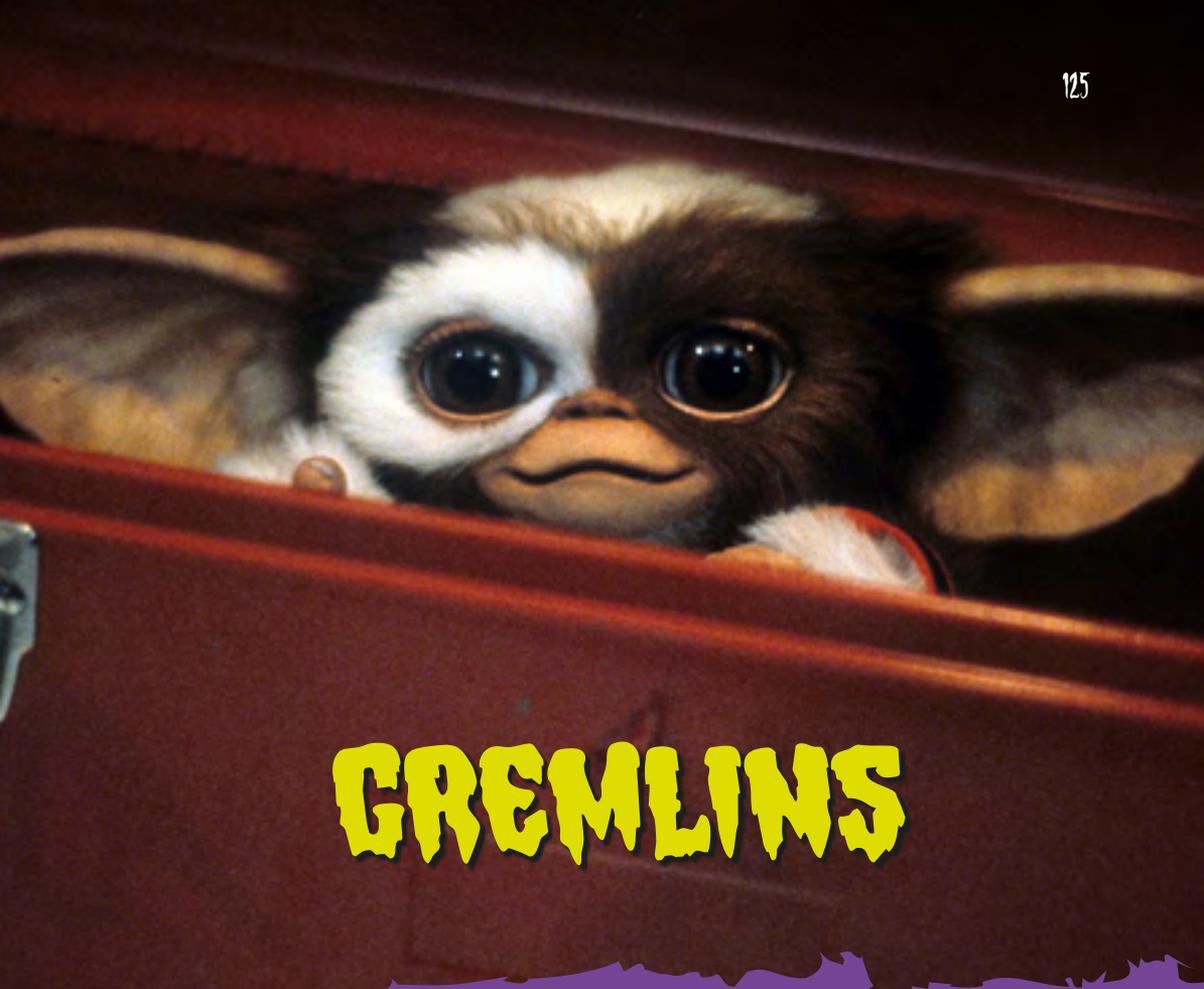
Diretor Jules Bass

Elenco (Vozes) Boris Karloff, Allen Swift, Gale Garnett, Phyllis Diller, Ethel Ennis

Sinopse Cult comédia musical em *stop motion*, produzida pela Rankin/Bass Productions. O barão Boris von Frankenstein alcança sua ambição final, o segredo da destruição absoluta. Convocando todos os monstros para a Ilha do Mal no Mar do Caribe, o nobre vilão pretende informá-los de sua descoberta além de anunciar sua iminente aposentadoria do cargo de chefe da "Organização Mundial dos Monstros". Além do monstro de Frankenstein, os convites também incluem o Conde Drácula, a Múmia, o corcunda de Notre Dame, o Lobisomem, O Homem Invisível, Dr. Jekyll (e Mr. Hyde), e o Monstro da Lagoa Negra.

CURIOSIDADE

Os produtores não quiseram pagar pelo uso dos nomes "King Kong", "Frankenstein", "A Noiva de Frankenstein", "Quasímodo" e "O Monstro da Lagoa Negra". É por isso que neste filme o personagem de King Kong é chamado "It", o monstro de Frankenstein é chamado "Fang", A Noiva de Frankenstein é chamada "A Companheira do Monstro", Quasímodo é "O Corcunda de Notre Dame" e o Da Lagoa Negra é simplesmente "Criatura". Os nomes "Conde Drácula" e "Homem Invisível" já estavam em Domínio Público.



GREMLINS

IDEM † 1984 † 102min † Livre

Diretor Joe Dante

Elenco Arnie Moore, Corey Feldman, Dick Miller, Don Steele, Frances Lee McCain, Harry Carey Jr., Hoyt Axton, Jackie Joseph, John Louie, Keye Luke, Phoebe Cates, Zach Galligan

Sinopse Um inventor fracassado visita Chinatown em busca de um presente de natal para seu filho. E numa espécie de antiquário, ele encontra uma criatura peluda e fofinha de nome Mogwai. O Lojista recusa-se a vendê-lo, porém seu neto vende a criatura, cuidando de especificar três regras ESSENCIAIS para criar o bichinho: 1) Não o exponha a luz intensa, isso faz mal e pode até matá-lo; 2) Não o deixe se molhar. Em hipótese alguma e 3) Nunca, JAMAIS o alimente após a meia-noite. Lógico que as três regras serão desajeitadamente quebradas em seu devido tempo e o que era uma comédia fofa passará a ser um... Filme de terror!

CURIOSIDADE

Para não se tornar um Horror para adultos, a equipe de Joe Dante descartou algumas cenas, como por exemplo, a decaptação da mãe de Billy (o protagonista); um cãozinho devorado pelos monstrenhos e um grupo de clientes sendo massacrados numa conhecida rede de *fast-food*.

Monstros S.A



MONSTERS INC. † 2001 † 92min † Livre

Diretor Pete Docter

Elenco (Vozes) Billy Crystal, John Goodman, Steve Buscemi, Helen Mirren, Joel Murray, Peter Sohn, Sean Hayes, Alfred Molina, Frank Oz

Sinopse Uma cidade só de monstros, sem humanos, chamada Monstrópolis. Tudo corria na mais perfeita paz, até que um pequeno ciclope verde descobre o que acontece quando o mundo real interage com a dimensão deles na forma de uma menina de dois anos, docemente apelidada de "Boo" e que acidentalmente adentra a tal universo numa certa noite. E agora cabe aos simpáticos monstros mandar Boo de volta ao seu mundo, antes que alguém descubra, especialmente um chefe mal humorado ou uns monstros maus... Muito maus...

CURIOSIDADE

Harryhausen's, o nome do restaurante em que Mike leva Celia num encontro. Uma clara homenagem a Ray Harryhausen, o lendário artista dos efeitos especiais *Stop-Motion*, notório por criar monstros para filmes como *Simbad e O Olho do Tigre* e *Jasão e Os Argonautas*.



ONDE VIVEM OS MONSTROS

WHERE THE WILD THINGS ARE † 2009 † 101 min † 10 anos

Diretor Spike Jonze

Elenco Max Records, Catherine Keener (voz), Lauren Ambrose (voz), James Gandolfini (voz), Catherine O'Hara (voz), Forest Whitaker (voz), Mark Ruffalo (voz)

Sinopse Um jovem tem uma imaginação ativa, e costuma não aceitar qualquer contrariedade. Após um incidente com a irmã e por achar que sua mãe presta mais atenção no namorado, ele foge de casa. Vestindo um traje de lobo o garoto invade o mundo de sua própria imaginação. Este mundo é habitado por grandes animais selvagens, que surpreendentemente proclamam o jovem como uma espécie de rei. Só que ao contrário do que se espera, as coisas não saem lá muito bem, nem para o monarca, nem para seus súditos. Baseado no *best-seller* homônimo de Maurice Sendak.

CURIOSIDADE

O diretor Spike Jonze disse que seu objetivo “não era fazer um filme infantil. Eu queria fazer um filme sobre a infância”. O que levou Jonze a transferir o filme da Universal para a Warner Bros. E quando o filme saiu, foi comercializado para adultos e não para crianças.

FRANKENWEENIE



IDEM † 2012 † 87min † 10 anos

Diretor Tim Burton

Elenco (Vozes) Charlie Tahan, Winona Ryder, Catherine O'Hara, Martin Short, Martin Landau, Atticus Shaffer, Robert Capron

Sinopse Victor adora fazer filmes caseiros de terror, quase sempre estrelados por seu cachorro Sparky. Quando o cão morre atropelado, Victor fica triste e inconformado. Inspirado por uma aula de ciências que teve na escola, onde um professor mostra ser possível estimular os movimentos através da eletricidade, ele constrói uma máquina que permita reviver Sparky. O experimento dá certo, mas o que Victor não esperava era que seu melhor amigo voltasse com hábitos um pouco diferentes.

CURIOSIDADE

Este filme, bem como sua versão curta (disponível no YouTube), foi baseado num cachorro da infância de Tim Burton.



À MEIA NOITE LEVAREI SUA ALMA

1964 † 81min † 16 anos

Diretor José Mojica Marins

Elenco José Mojica Marins, Magda Mei, Nivaldo Lima, Valéria Vasquez, Ilídio Martins Simões, Arildo Iruam, Genésio de Carvalho, Vânia Rangel, Robinson Aielo, Avelino Moraes, Leandro Vieira, Antônio Marins, Mário Lima, Eucaris Moraes

Sinopse Numa pequena e pacata cidade, o covarde e violento coveiro Zé do Caixão é temido pelos habitantes locais. Zé vive com uma esposa estéril. Obcecado por ter um filho, o malévolo assedia a noiva de um conhecido seu, enquanto mata a própria esposa, simulando um acidente. Em seguida estupra a mulher desejada, na ânsia de que ela engravide. Esta, depois de perder o marido, comete suicídio. Após mais uma ou duas mortes, Zé do Caixão pode estar condenado à agonia eterna do inferno!

CURIOSIDADE

Há ainda mais dois filmes que completam a trilogia de Coffin Joe (como é conhecido nos EUA): *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* e *A Encarnação do Demônio*. Sendo este último realizado "somente" 40 anos após o segundo.



MAR NEGRO

MONSTROS BRASILEIROS

2014 † 92min † 18 anos

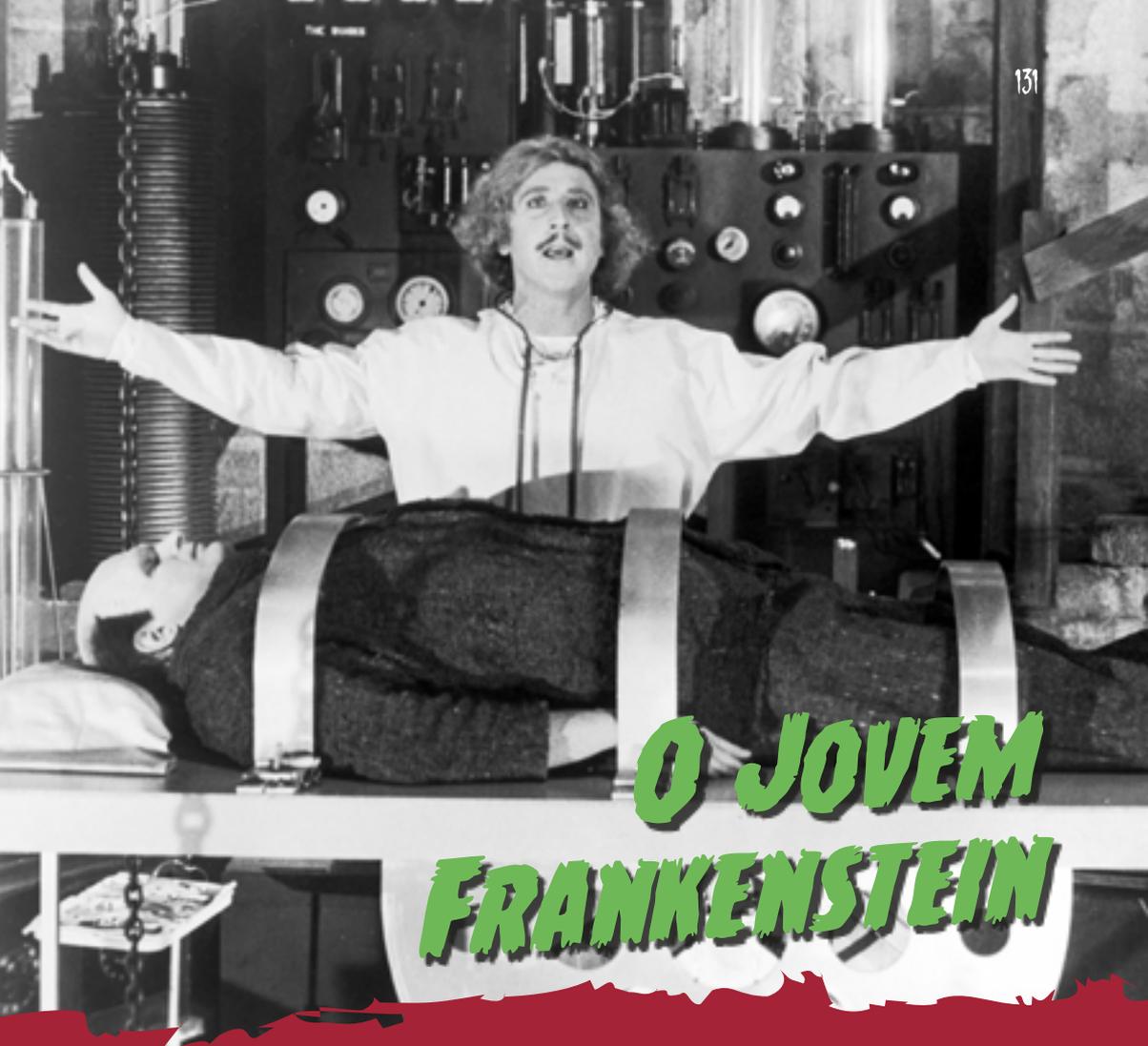
Diretor Rodrigo Aragão

Elenco Walderrama dos Santos, Mayra Alarcón, Cristian Verardi, Tiago Ferrir, Kika Oliveira

Sinopse Uma mancha negra atinge o litoral de um pequeno vilarejo no Brasil e traz uma estranha doença que transforma os animais marinhos em predadores assassinos. Para sobreviver e salvar sua amada, um corajoso sujeito arrisca a vida para lutar contra os monstros.

CURIOSIDADE

Homenageado e premiado num grande festival de cinema, o Mórvido Festival, realizado na cidade de Patzcuaro, no México. Prêmios inéditos para o nosso cinema de horror.



O JOVEM FRANKENSTEIN

THE YOUNG FRANKENSTEIN †1974 †105min †10 anos

Diretor Mel Brooks

Elenco Gene Wilder, Peter Boyle, Marty Feldman, Madeline Kahn, Cloris Leachman, Teri Garr, Kenneth Mars, Richard Haydn, Liam Dunn, Danny Goldman

Sinopse Obra-prima de Mel Brooks. Um jovem neurocirurgião herda o castelo de seu avô, o famoso Dr. Victor von Frankenstein (ou quase isso). No castelo ele encontra um corcunda engraçado chamado Igor; Inga, uma bela assistente de laboratório e a velha empregada doméstica, frau Blucher, cuja simples menção do nome, causa estranhos fenômenos. O jovem Frankenstein acredita que o trabalho de seu avô é pura fantasia, mas quando descobrir o livro onde o médico descreveu em detalhes suas experiências de reanimação, repentinamente ele mudará de ideia.

CURIOSIDADE

Como Alfred Hitchcock, Mel Brooks geralmente surtia nalgum trecho de seus próprios filmes. Seus personagens regularmente quebravam a quarta parede e falavam ao público, coisa que Gene Wilder não considerou de bom alvitre. E como condição de assumir o papel principal, Wilder fez Brooks permanecer fora das câmeras. Todavia, o diretor ainda emitiu alguns... Uivos (!!!).



A PEQUENA LOJA DOS HORRORES

REVERENCIANDO OS MONSTROS

THE LITTLE SHOP OF HORRORS †1986 †94min †14 anos

Diretor Frank Oz

Elenco Steve Martin, Rick Moranis, Bill Murray, Vincent Gardenian, Levi Stubbs, Tichina Arnold, Michelle Weeks, Tisha Campbell-Martin, Jim Belushi, John Candy, Sergio Kato

Sinopse Um órfão nerd de nome Seymour, trabalha numa loja de flores na área urbana de Skid Row em Los Angeles. Ele tem uma quedinha pela colega de trabalho Audrey e é vigiado de perto pelo patrão. Um dia, enquanto procura uma nova planta, ele encontra uma vegetação misteriosa e não identificada que batiza de Audrey II. A planta parece ter um desejo por sangue humano e de repente começa a cantar para comer. Logo, Seymour alimenta a plantinha esfaimada com algumas figuras um tanto indesejadas do local. Será que Audrey II vai dominar o mundo ou Seymour e Audrey conseguirão vencê-la?

CURIOSIDADE

O diretor Frank Oz originalmente queria que o Coro Grego (Crystal, Ronette e Chiffon) fosse destacado por um holofote sempre que aparecessem, mas isso se mostrou impraticável, pois a luz se espalharia sobre os outros atores. Ele conseguiu que estes “magicamente” permanecessem secos durante uma tempestade.



Deuses & Monstros

GODS AND MONSTERS † 1998 † 105min † 14 anos

Diretor Bil Condon

Elenco Ian McKellen, Brendan Fraser, Lynn Redgrave, Lolita Davidovich, Kevin J. O'Connor, David Dukes, Mark Kiely, Rosalind Ayres

Sinopse Os últimos dias na vida do ator e diretor James Whale, cuja experiência na Primeira Guerra Mundial é tema central. Após sofrer uma série de derrames e atormentado por lembranças do passado, suas relações promíscuas e um de seus maiores sucessos no cinema: *A Noiva de Frankenstein*, Whale desliza para o delírio e se entrega às suas fantasias. A amizade com um jovem musculoso ganhará contornos surpreendentes. Recebeu o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado e foi indicado para Melhor Ator (Ian McKellen) e Melhor Atriz coadjuvante (Lynn Redgrave).

CURIOSIDADE

Sir Ian McKellen disse que se sentia muito à vontade desempenhando o papel de James Whale. Como Whale, McKellen é um ator britânico homossexual, que passou por uma carreira no teatro e, finalmente, iniciou-se em Hollywood.



SEXTA-FEIRA 13

FRIDAY THE 13TH † 2009 † 98min † 18 anos

Diretor Marcus Nispel

Elenco Betsy Palmer, Adrienne King, Harry Crosby, Laurie Bartram, Jeannine Taylor, Kevin Bacon, Robbi Morgan

Sinopse Recriação do clássico de terror. Originalmente concebido como uma história de origem, o projeto evoluiu para uma releitura dos primeiros quatro filmes da série original. O protagonista foi redesenhado como um assassino rápido e magro, com uma história de fundo que permite ao espectador quase sentir simpatia por ele. Quase. Grupo de jovens vasculha Cristal Lake, em busca de uma moça desaparecida. Mal sabem eles que o mal está presente por lá, na figura de um assassino imortal: o terrível Jason Voorhees.

CURIOSIDADE

A trilha sonora do compositor Harry Manfredini é para soar como a voz do jovem Jason dizendo "mate, mate, mate, mãe, mãe" (*Mamma kill, kill, kill, mamma...*), inspirando-o a partir para a matança. Manfredini criou o efeito falando as sílabas *ki* e *ma* num microfone que passa por um efeito de *delay*.

CÍRCULO DE FOGO



PACIFIC RIM † 2013 † 132min † 12 anos

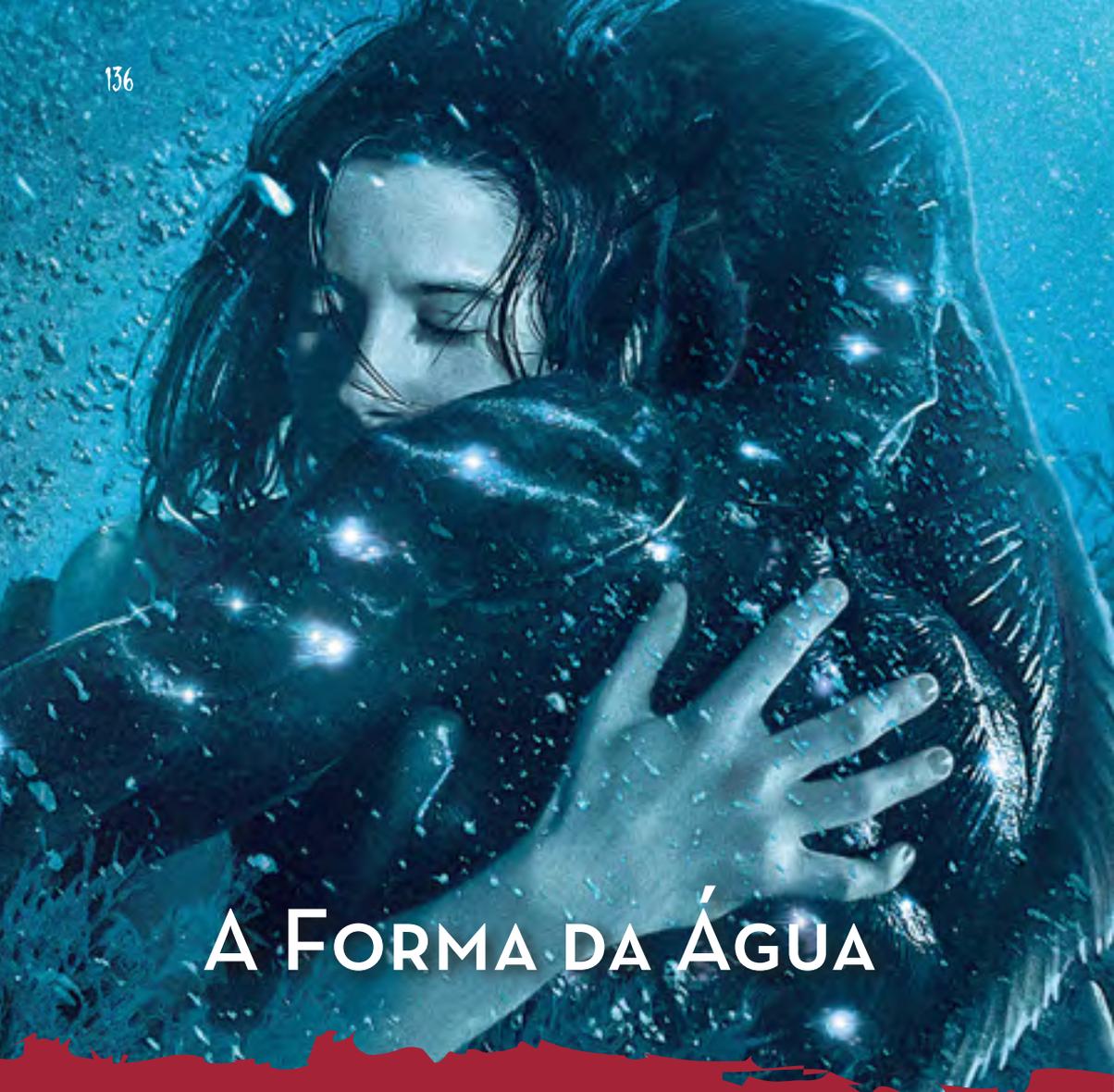
Diretor Guillermo del Toro

Elenco Gennadi Vengerov , Dan van Husen , Jude Law , Rachel Weisz , Ed Harris , Joseph Fiennes , Bob Hoskins

Sinopse Drama de ação ambientado num futuro distante, quando a Terra está em guerra com os Kaiju, monstros marinhos colossais que emergiram de um portal interdimensional no fundo do Oceano Pacífico. Para combater os monstros, a humanidade se une para criar os Jaegers, gigantes humanoides, cada um controlado por pelo menos dois pilotos, cujas mentes são unidas aos gigantes mecânicos por uma conexão específica. Concentrando-se nos dias posteriores à guerra, a história segue um piloto de Jaeger convocado da aposentadoria unido a um novato, como parte de um último esforço para derrotar os monstros.

CURIOSIDADE

No final dos créditos, há uma homenagem escrita aos mestres de monstros Ray Harryhausen e Ishiro Honda. Harryhausen faleceu em 7 de maio de 2013, dois meses antes do lançamento do filme. Ishiro Honda era outro gigante do gênero, tendo dirigido filmes de monstros diversos e numerosos filmes de Godzilla. Del Toro tem grande respeito pelos dois.

A woman with long dark hair is shown from the chest up, embracing a large, dark, scaly creature underwater. The scene is lit with a deep blue light, creating a moody and intimate atmosphere. The woman's eyes are closed, and she has a gentle expression. The creature's skin is wet and glistening with water droplets. The background is a dark, textured blue, suggesting an underwater environment.

A FORMA DA ÁGUA

THE SHAPE OF WATER † 2017 † 121min † 16 anos

Diretor Guillermo del Toro

Elenco Michael Stuhlbarg, Sally Hawkins, Michael Shannon, Doug Jones, Octavia Spencer

Sinopse Fábula sobrenatural com pano de fundo da época da Guerra Fria. Estados Unidos, ali por volta de 1962. No laboratório oculto de alta segurança do governo, onde trabalha uma faxineira muda e solitária, experiências bizarras são realizadas. A pobre mulher está presa a uma vida de isolamento. Tudo muda para sempre quando ela e uma colega de trabalho descobrem um experimento confidencial pra lá de secreto. Mais que isso... É um monstro! Um monstro e uma... Paixão!

CURIOSIDADE

Tanto Elisa de *A Forma da Água* quanto Eliza (Audrey Hepburn) de *My Fair Lady* são personagens da classe trabalhadora que passam por uma transformação que lhes permite encontrar sua própria "cara", por assim dizer. Uma espécie de ponte entre a novidade e o clássico é uma das diversas referências deste longa-metragem.



SOBRE OS AUTORES

ANA RODRIGUES é crítica de cinema do Jornal do Brasil e vice-presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro - ACCRJ. Jornalista e locutora. Trabalhou nas rádios Tropical, Nativa e Tupi.

ANTERO LEIVAS é jornalista, escritor, editor, revisor e redator. Autor dos livros The Beatles – A Maior Banda de Todos os Tempos e Nietzsche, O Pensamento Eterno, entre outros. Colaborador da BLG Entretenimento desde seu começo seja na revisão ou elaboração de textos.

CARLOS PRIMATI é jornalista, crítico, tradutor, historiador e pesquisador dedicado a tudo que se refere ao cinema de horror mundial. Principal pesquisador do cinema de Zé do Caixão, colaborou no livro Maldito, de André Barcinski e Ivan Finotti. Coproduziu, juntamente de Paulo Duarte, a Coleção Zé do Caixão em DVD, e participou da reedição da coleção em 2013, entrevistando o cineasta e assinando um ensaio crítico.

FLAVIA GUERRA é jornalista e documentarista. Editora do TelaTela (www.telatela.com.br), ama passar medo no cinema. Já passou noites sem dormir depois de ver Tubarão e dias em sessões seguidas de Drácula, do Coppola, no cinema. Cemitério Maldito, de Mary Lambert, é um de seus favoritos.

FRANCISCO RUSSO é editor-chefe e fundador do site AdoroCinema. Formado em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e com pós-graduação em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é integrante da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) e da ACCRJ (Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro).

JULIA MAASS possui Mestrado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris I, Panthéon-Sorbonne. Atualmente é professora do curso de Comunicação Social no Centro Universitário de Brasília e de Cinema e Mídias Digitais no Instituto de Educação Superior de Brasília. Se alimenta de arte e se identifica com monstros, principalmente com o lado romântico deles.

LAURA LOCUERCIO CÂNEPA é jornalista, doutora em Multimeios pela Unicamp e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

MARCELO MIRANDA é Jornalista, crítico e curador. Mestre em Comunicação pela UFMG. Escreve na revista Cinética. Foi colaborador das revistas Teorema, Filme Cultura, Revista de Cinema e Continente e dos jornais Estado de S. Paulo, Valor Econômico e Folha de S. Paulo. Publicou em catálogos de diversas retrospectivas e faz curadoria para festivais de cinema brasileiro, como Kinoforum, Indie, Semana e CineBH.

MARIO ABBADE é jornalista e crítico de cinema.

RITA A. C. RIBEIRO é professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa Design & Representações Sociais - Bolsista FAPEMIG

RODRIGO FONSECA é roteirista da TV Globo, Presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ), crítico de cinema do Jornal do Brasil e repórter dos sites Omelete e Estadão P de Pop

SERGIO MORICONI é cineasta, professor, sociólogo e crítico de cinema. Dirigiu curtas, entre eles, Athos, homenagem ao artista Athos Bulcão. É o criador e curador do Slow Filme - Festival Internacional de Cinema, Alimentação e Cultura Local que acontece anualmente na cidade goiana de Pirenópolis. É autor do livro Cinema – Apontamentos Para Uma História. Atualmente é o programador do Cine Brasília.

O CURADOR

BRENO LIRA GOMES

Jornalista e produtor cultural, com passagens pelo curso de cinema da Universidade Estácio de Sá, pela Pipa Produções, pelo Ponto Cine e pela Mostra Geração do Festival do Rio. Em 2012 fundou a produtora BLG Entretenimento. É curador dos festivais Curta Cabo Frio e Maranhão na Tela desde 2007. Assinou a curadoria e coordenação geral das mostras El Deseo - O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar; Cacá Diegues - Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A luz (imagem) de Walter Carvalho; O maior ator do Brasil – 100 anos de Grande Othelo; Pérola Negra: Ruth de Souza; e Tim Burton e suas histórias peculiares. Foi curador e produtor executivo do projeto É Massa! 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco. É produtor executivo da mostra Os Melhores Filmes do Ano organizada pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) desde 2010. Foi produtor executivo das mostras Irmãos Coen – Duas mentes brilhantes; Filmes à mesa; Dario Argento e seu mundo de horror; James Dean – Eternamente jovem; Claudio Pazienza, o encontro que nos move; Neville d'Almeida – Cronista da beleza e do caos; Cine Doc Fr – Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; Carlos Reichenbach – O cinema de autor brasileiro; George A. Romero – A crônica social dos mortos-vivos; O Cinema de Murilo Salles – O Brasil em cada plano; Cine Uruguai; Luís Buñuel – Vida e obra; Rock Terror; O cinema político de Ken Loach e do curso Questão de Crítica. Coordenou a produção do Curso de Crítica Cinematográfica com Mario Abbade e das mostras John Waters – O papa do trash; Jornada nas Estrelas: Brasil – A fronteira final; David Lynch – O lado sombrio da alma e a 1ª Mostra Cine Literário. Fez a direção de produção do 18º Festival Brasileiro de Cinema Universitário. Foi pesquisador do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado anualmente pela Academia Brasileira de Cinema, no período de 2012 a 2016.

A PRODUTORA

BLC ENTRETENIMENTO

A BLC Entretenimento é uma produtora voltada para a realização e promoção de mostras e festivais de cinema, além de espetáculos teatrais. Fundada em 2012, pelo jornalista Breno Lira Gomes, produziu e/ou coproduziu os seguintes projetos de mostras: El Deseo – O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar, Cacá Diegues – Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A luz (imagem) de Walter Carvalho; Irmãos Coen – Duas mentes brilhantes; Claudio Pazienza, o encontro que nos move; John Waters – O papa do trash; Cine Doc Fr – Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; David Lynch – O lado sombrio da alma; O maior ator do Brasil – 100 anos de Grande Othelo; Pérola Negra: Ruth de Souza; e Tim Burton e suas histórias peculiares. É responsável pela produção do Curso de Crítica Cinematográfica, ministrado pelo crítico Mario Abbade. Fez a produção local no Rio de Janeiro das mostras Retrospectiva Carlos Hugo Christensen e Jean-Luc Cinema Godard. Fez a produção de cópias das mostras África, Cinema e Cine Design, edição Rio de Janeiro e Florianópolis, e do 10º Festival Cine Música em Conservatória. No teatro atuou na produção dos espetáculos Chopin & Sand – Romance sem palavras; O Gato de Botas – O Musical; Vertigem Digital e Agnaldo Rayol – A alma do Brasil.

Patrocínio Banco do Brasil

Realização Centro Cultural Banco do Brasil

Idealização, Curadoria & Coordenação Geral

Breno Lira Gomes

Produção Executiva

Daniela Barbosa

Assistente de Produção

Gregory Baltz

PRODUÇÃO LOCAL

Brasília

Villa-lobos Produções

São Paulo

Karina Francis Urban

MONITORIA

Brasília

Sandra Tavares

Rio de Janeiro

Bruno Imenes

São Paulo

Mauricio Maia

EQUIPE CATÁLOGO

Organização

Breno Lira Gomes

Coordenação Editorial

Baltazar Produção & Conteúdo

Pesquisa de conteúdo & Revisão de Textos

Antero Leivas

Programação Visual

Folha Verde Design

Vinheta

Buendia Filmes | Fernanda Teixeira

Editora de redes sociais

MIA Estudio Criativo

Assessoria de imprensa | Brasília e São Paulo

Sinny Assessoria

Assessoria de imprensa | Rio de Janeiro

Claudia Oliveira e Mariana Bezerra

REGISTRO VIDEOGRÁFICO

Brasília

Estúdio Carbono

Rio de Janeiro

Cátia Castilho e Urion Castilho

São Paulo

Mirante Produtora

Sessões com recursos de acessibilidade

Ver com Palavras

INTÉRPRETE DE LIBRAS

Brasília

Barbara Barbosa

Fernando Guimarães

Rio de Janeiro e São Paulo

Educalibras

Transporte de material e filmes

Fênix Cargo

Impressão catálogo

Gráfica Qualytá

Coordenação Administrativa

Singularite Produções - Mariana Sobreira

Contador Responsável

ABMCONT – Serviços de Contabilidade –

Alexandre Bastos de Mesquita

ATIVIDADES PARALELAS

OFICINA DE CARACTERIZAÇÃO
 & MAQUIAGEM

Brasília

Estúdio Carbono — Thiago Sabino

Rio de Janeiro

Guilherme Najar e Elói Mattar

São Paulo

Daniela Gonc

MASTER CLASS “DA NATUREZA DOS
 MONSTROS: O FASCÍNIO DO GÊNERO
 HORROR NO CINEMA”

Rita Ribeiro

DEBATES

Brasília

Breno Lira Gomes

Julia Maass

Rita Ribeiro

Sergio Moriconi

Tiago Belotti

Rio de Janeiro

Ana Rodrigues

Breno Lira Gomes

Francisco Russo

Mario Abbade

Rodrigo Fonseca

São Paulo

Breno Lira Gomes

Carlos Primati

Flávia Guerra

Laura Loguercio Cánepa

Marco Dutra

As sinopses e curiosidades contidas neste catálogo foram escritas por Antero Leivas.

AGRADECIMENTOS

Allia Gran Hotel Brasília Suites

Ana Lúcia Jerkic

Ana Paula Jerkic

Ana Rodrigues

Ana Rosa Jerkic

Barbara Barbosa

Carlos Primati

Crownel Marins

Dan Caliban

Daniela Gatto

Eidil Fonseca

Eugênio Puppo

Flávia Guerra

Laura Loguercio Cánepa

Francisco Russo

Hotel Heritage Comfort Inn

Imagem Filmes

Jobson Marques

José Mojica Marins

Joyce Albuquerque

Julia Maass

Lívia Vilella

Liz Marins

Lohan Barros

Marcelo Miranda

Marco Dutra

Mario Abbade

Matheus Sundfeld

Mayra Alarcón

Mez

MPLC

Natural das Anas

Rita Ribeiro

Rodrigo Aragão

Rodrigo Fonseca

Ronaldo Mello

Rose Barbosa

Sergio Moriconi

Tiago Belotti

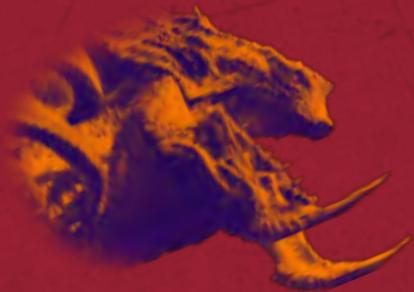
Ticiano Mariano Horylka

Tubaína Bar

Veronica Goyzuetta

Windsor Guanabara Hotel





ISBN 978-85-66110-39-5
venda proibida



Produção

Realização



blg
ENTERTENIMENTO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL